FALD
ano VII #35
OLEKSANDR BALBYSHEV
JOHN ORBIT
TREVOR SOUTHEY
ALEX KOTOVSKY
PAUMOLICE
CRUISING ARCHAEOLOGY

FALO© é uma publicação bimestral.
novembro 2024.
ISSN 2675-018X
versão 20.11.24

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto e Marcos Rossetton.
site: Pedro Muraki

capa: *Mãos do Deus Nebula*, óleo sobre tela de Oleksandr Balbyshev, 2024.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (*falonart@gmail.com*) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail *falonart@gmail.com* e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail *falonart@gmail.com*.

FC Design
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000

COMPRE AQUI
COLAB55

Sumário

Oleksandr Balbyshev 6
John Orbit 20
FALO DE HISTÓRIA
Trevor Southey 34
FALO em FOCO
Alex Kotovsky 46
FALÓFORO 54
ESPECIAL
Paumolice 58
FALOLOGIA
Cruising Archaeology 70
CONTOS DO FALO
Azul 78
CRÔNICA FÁLICA
Do *Glossário monaqueico*: De A a Z 80
BIBLIÓFALO
Meu corpo, minhas pregas 84
Adão Iturrusgarai | Marlon Thor 86
FALO com VOCÊ 88
moNUmento 91

Editorial

Nota sobre nudez:
Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina (cis e trans) na Arte. Há, portanto, imagens de genitálias. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

O mundo enlouqueceu. Crescimento da extrema direita, guerras por posses, neoliberalismo frenético gerando uma crise de saúde mental mundial, fundamentalismo religioso destruindo o que resta de humanidade da humanidade. O futuro não me parece promissor (e Adão Iturrusgarai concorda comigo em sua charge). Então, para esta edição, comecei a buscar luzes no fim do túnel… luzes que não fossem um trem vindo na minha direção… mas sim, possibilidades.

A capa foi fácil, porque já estava de olho no trabalho de Olek faz tempo e, inclusive, sabia de sua nacionalidade ucraniana. Conhecer um pouco da história dele (e de seu país) e de como sua arte o moldou para que ele pudesse sobreviver e enfrentar o sistema foi certeiro. E, como se fosse providência universal, recebi a submissão do projeto de um artista que eu já seguia, mas não sabia de sua nacionalidade russa. Ao ter mais informações sobre o projeto (e sobre a saída do artista da Rússia imediatamente após a invasão à Ucrânia), entendi que ambos precisavam estar juntos em uma mesma publicação como uma prova da possibilidade de coexistência pacífica.

Continuando minha busca, resolvi tentar contactar um fotógrafo que sempre admirei (e sigo em todas as redes). Quando ele aceitou, eu tive que manter meu lado profissional ao invés de ser uma fã descontrolada. Tê-lo na Falo é uma conquista e uma honra! Para além de sua produção, John optou por sair do lugar comum da fotografia no que diz respeito à seleção de modelos e desafiar o etarismo vigente, revelando que padrões são relativos e dependem de nós, portanto, abre a possibilidade de ampliação e aceitação da diversidade, tanto individual quanto coletiva.

A seção Falo de História já vem me complicando há algum tempo, por ter que lidar com instituições e, dessa vez, resolvi encarar uma instituição religiosa: Trevor Southey chegou a ser excomungado da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias por conta da sua homossexualidade. Contudo, achei um documentário incrível (link na matéria) e recebi o aval de uma das filhas do artista para dar prosseguimento a um texto que mostra a possibilidade de uma religião ortodoxa aceitar realmente quem somos.

Vale lembrar que a edição de novembro já vem com a premissa de conscientizar para a prevenção do câncer de próstata e testículos e, por isso, ela ganha a cor azul. Os colaboradores da edição foram avisados e encontraram formas de abordar o assunto. Só que, de repente, nas minhas redes sociais pessoais, começa a aparecer um livro sobre o cu. Isso, o cu mesmo… e feito por um amigo meu de faculdade! Segundos após o choque inicial, eu escrevi pra ele e fui no lançamento para entender melhor de onde veio a ideia. Perfeito ter uma resenha deste livro neste mês, um livro que traz a possibilidade de conversas abertas e quebra de tabus.

Eu queria escrever algo para minha seção falorrágica, mas – confesso – estava/estou cansado desde a maratona trans que gerou a belíssima edição especial (já leu, né?). Foi mais uma vez a providência universal que fez chegar um e-mail do criador do *Projeto Paumolice* e pronto! Nem vou falar muito porque convidei-o a publicar seu manifesto na íntegra aqui na revista e ele precisa ser lido por todo o ser humano nesse mundo enlouquecido. Ele traz dicas e reflexões que são, na verdade, possibilidades de transformação.

Além disso tudo, ainda fui presenteado com a submissão de um artigo científico sobre a "arqueologia da pegação" que reflete sobre as práticas sexuais e relacionais da contemporaneidade; e com a submissão de um texto "etimológico" do poeta Omar Khouri.

Isto posto, meu caro leitor, prepare-se para adentrar num mundo louco de possibilidades e, sendo assim, de esperanças.

Filipe Chagas
criador e editor

Oleksandr Balbyshev

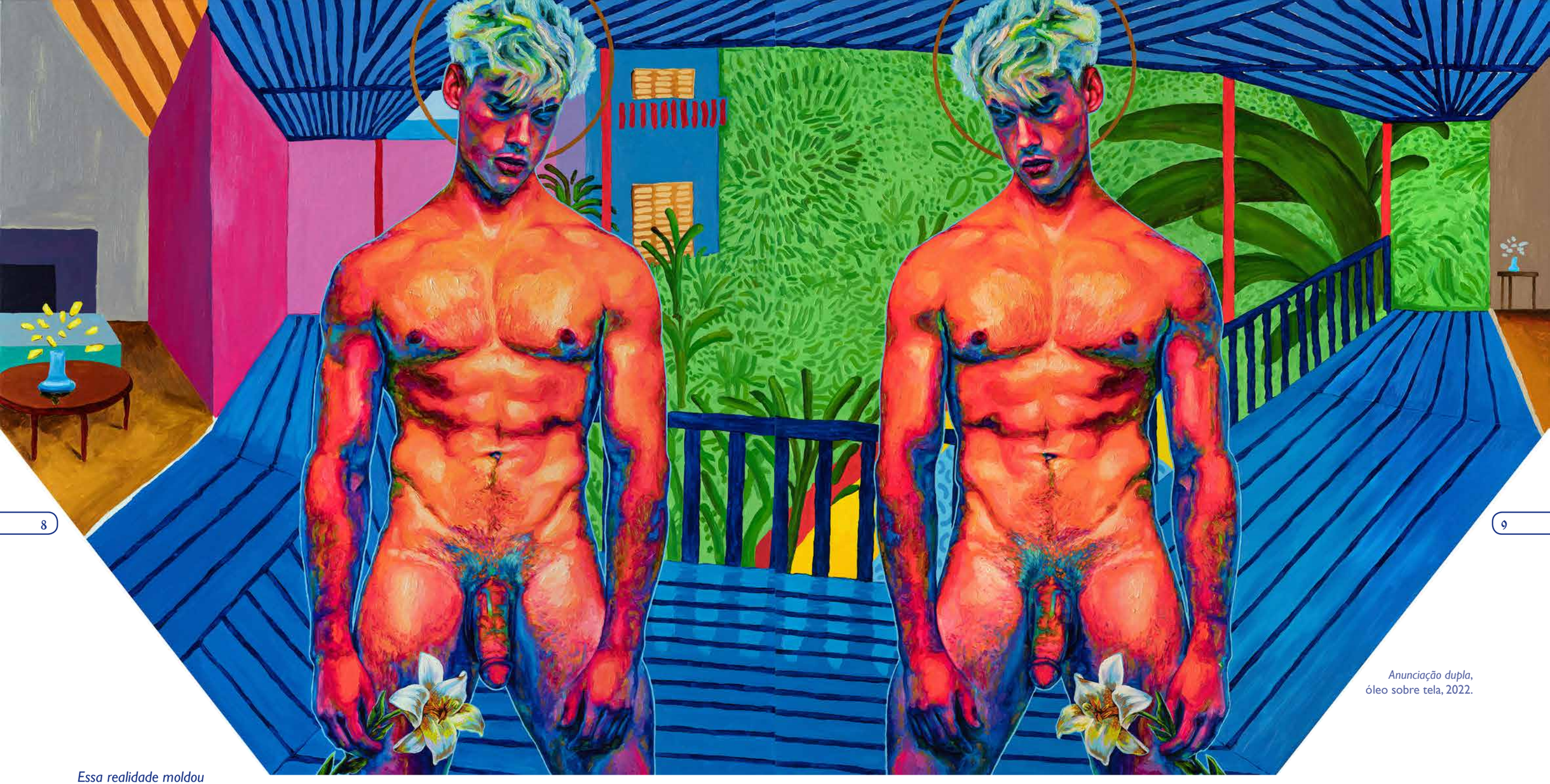
por Filipe Chagas

O pintor francês Nicolas Poussin (1594-1665) utilizava as cores para criar contrastes e pontos focais em suas composições barrocas. Acredita-se ser dele a seguinte frase:

> *As cores na pintura são como chamarizes que seduzem os olhos, como a beleza dos versos na poesia.*

Oleksandr Balbyshev parece seguir Poussin ao tornar as cores tão vivas e brilhantes que elas se tornam protagonistas no olhar em uma estética lisérgica. Ele diz que, ao ecoar o kitsch e o Surrealismo, suas cores "trazem uma sensação de energia e ousadia que transforma o que pode ser visto como vulnerável em algo poderoso e sem remorso". E essa frase tem uma razão: Balbyshev é ucraniano, nascido em uma família da classe trabalhadora, apenas seis anos antes do colapso da União Soviética. Na Ucrânia, pessoas LGBTQIA+ vivem em constante medo, sem muitos dos direitos que outros cidadãos consideram garantidos, escondendo a orientação sexual ou a identidade de gênero para evitar a discriminação ou o assédio violento.

Minotauro em repouso, óleo sobre tela, 2024.



Anunciação dupla,
óleo sobre tela, 2022.

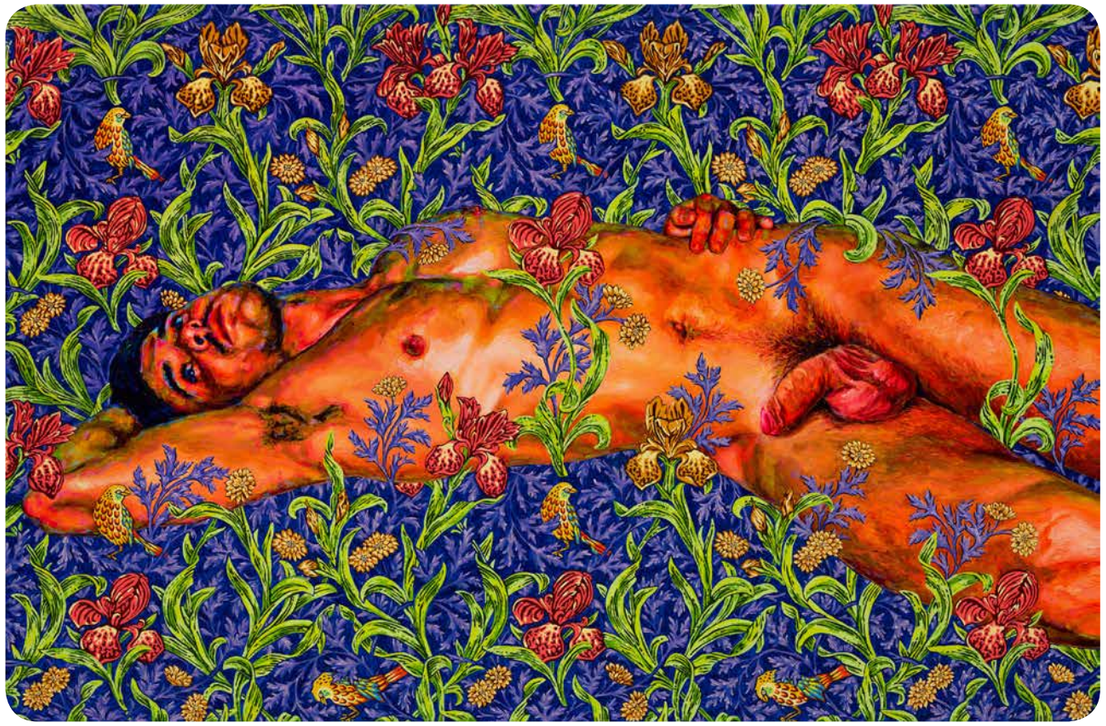
Essa realidade moldou profundamente quem eu sou e a arte que crio. Aceitar-me como sou foi incrivelmente difícil dentro de uma sociedade dominada por padrões morais hostis. Lutei (e ainda luto) contra a masculinidade tóxica e a vergonha internalizada, que deixaram marcas duradouras na minha alma. E isso às vezes se infiltra em minhas pinturas, refletindo esse fardo emocional.

No entanto, o pintor revela que também há um aspecto positivo nessa luta, pois ela o fez buscar forças para sobreviver e ter sucesso em um ambiente tóxico. Pouco tempo depois de se formar em Engenharia Civil e Arquitetura e trabalhar na área, aconteceu a primeira invasão russa à Ucrânia (2014), levando o país a uma grave crise financeira que o levou a perder o emprego e finalmente apostar em seu potencial criativo. Sua arte se tornou, então, uma forma de protesto, um desafio aos padrões morais da sociedade ucraniana.

A forma masculina torna-se central para o seu trabalho porque existe não só o desejo de explorar a natureza da identidade masculina – tanto pessoal quanto coletiva –, mas também de compreender sua complexidade e a maneira como ela foi definida, restringida e estigmatizada.

Nu com face florida, óleo sobre tela, 2023.

Acima, *Puppy play* (2024), e, abaixo, *Nu com íris* (2023), ambos em óleo sobre tela.



Crescendo em ambientes onde a masculinidade tradicional era obrigatória, muitas vezes me senti alienado. Com a minha arte quero questionar essas definições estreitas e ultrapassadas. Quero reivindicar a forma masculina em meus próprios termos: mostrando que ela pode ser suave, poderosa, erótica ou frágil. Quero explorar essa fluidez para redefinir o que significa ser homem em um novo espaço para a expressão queer.

O processo criativo de Balbyshev é uma mistura de reflexão e experimentação sobre todas essas questões sem fugir da natureza homoerótica de suas pinturas, pois ele afirma que pretende visibilizar e normalizar o que ainda é tratado como tabu. Isso faz com que a tinta óleo seja, para ele, a técnica ideal, pois, desde os oito anos de idade, quando pediu o material para seus pais, reconheceu a profundidade que ela oferece:

Parece que você está capturando um pedaço da alma na obra de arte. É como se a pintura ganhasse vida.

Ele usa bastante referência da História da Arte como se buscasse uma reinterpretação não-tradicional e menos heteronormativa para contrapor os limites ("tanto os meus quanto os impostos pela sociedade"). Como ucraniano, também procura superar a história traumática de seu país, transformando imagens e símbolos icônicos soviéticos (como retratos de líderes soviéticos) em algo bem-humorado e não mais intimidador.

Anjo do Orgulho, óleo sobre tela, 2023.

Lenin Reciclado nº1 e *nº2*, óleos sobre tela, 2023.

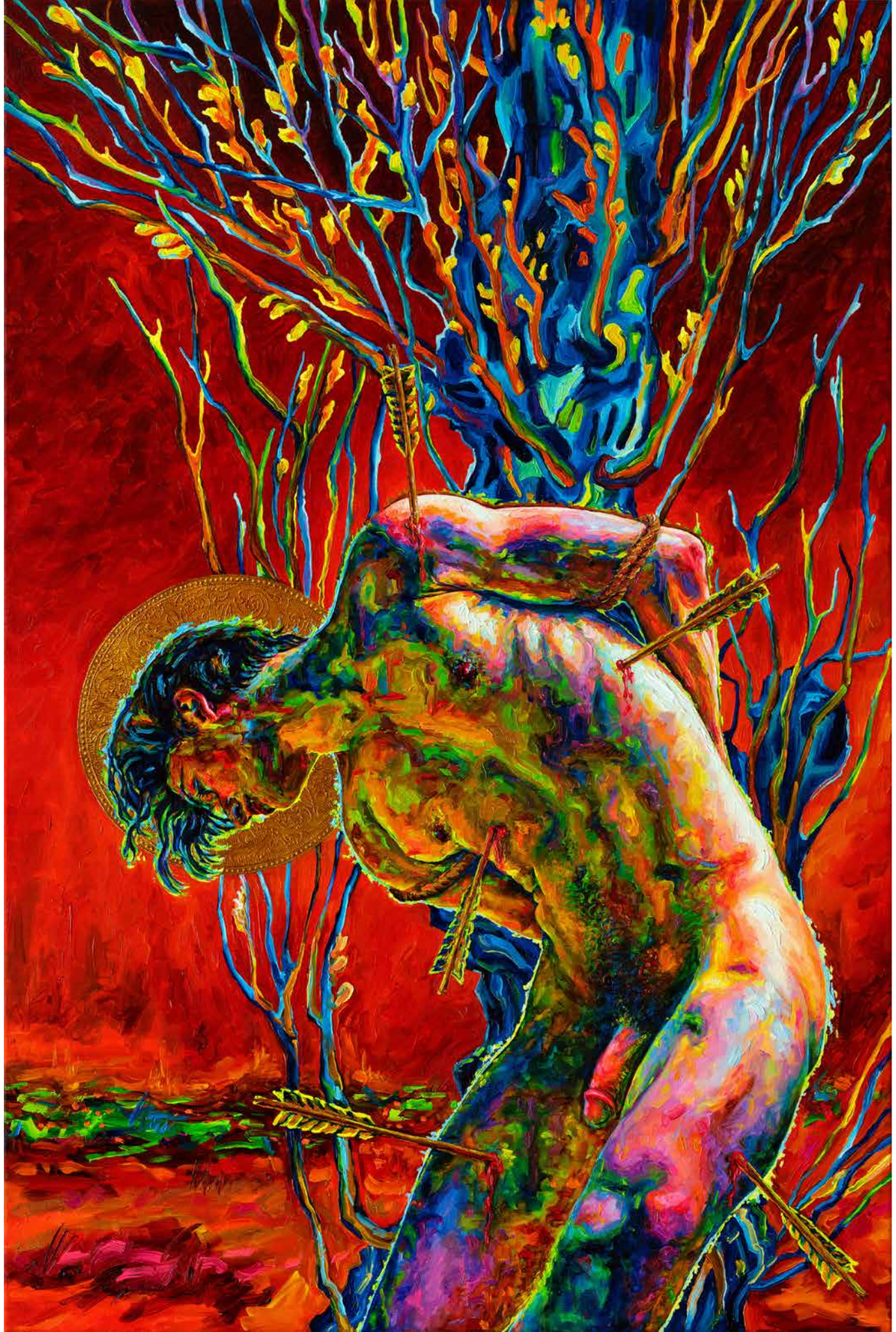
A nudez masculina, em particular, já aparecia em trabalhos estudantis. Um deles que tinha um tom *caravaggesco* foi completamente ignorado pelo público, o que fez o artista perceber a dificuldade do tema mesmo no meio acadêmico criativo.

> *Eu uso o nu masculino da mesma forma que a nudez feminina tem sido usada por séculos. Mostrar o nu frontal masculino é sobre abraçar o espectro completo da masculinidade e a beleza da forma humana sem vergonha ou censura. É um ato de celebração, uma maneira de reivindicar e honrar o corpo em seu estado mais honesto. Para mim, não se trata apenas de anatomia; trata-se de capturar a essência do ser, livre de restrições sociais.*

Balbyshev entende que cada parte do corpo masculino, cada curva, músculo e linha contam sua própria história e contribuem para a beleza geral da forma:

> *Encontro alegria em capturar as sutilezas da expressão, a força das mãos, a suavidade de uma curva ou a tensão de um músculo. Sou particularmente atraído por retratar o tronco, pois é uma mistura poderosa de força e vulnerabilidade, onde as linhas da masculinidade são frequentemente mais pronunciadas e expressivas. Mas, na verdade, é a harmonia de todas as partes juntas que me fascina: cada detalhe, não importa quão pequeno, desempenha um papel essencial no retrato de um homem.*

E isso vale para a região genital. Para o artista, a escolha entre retratar um falo flácido ou ereto não é apenas uma questão de estética: é sobre contexto, intenção e sensibilidade cultural. O falo flácido é frequentemente visto como mais natural e menos carregado de conotações explícitas, permitindo que o espectador aprecie a forma masculina de uma forma mais clássica e serena, enquanto a ereção é vista como provocativa, confrontacional e pornográfica.



São Sebastião, óleo sobre tela, 2022.

Eu juro que não foi eu, óleo sobre tela, 2020.

Amor, óleo sobre tela, 2023.

Nu vermelho, óleo sobre tela, 2021.

Por mais que enxergue mudanças significativas na aceitação da figura masculina como objeto de arte ("há um crescente reconhecimento e apreciação pela forma masculina que vai além das noções tradicionais de masculinidade com um papel muito importante das redes sociais"), o artista sabe que depende do contexto cultural ("há também muita tensão na sociedade, especialmente em torno da masculinidade e como ela vem sendo redefinida). Na Ucrânia, as normas sociais e as restrições legais são bastante conservadoras, e o Ministério da Cultura regula estritamente o que é considerado arte ou pornografia, com interferência inclusive em remessas internacionais ("qualquer representação de um falo ereto torna quase impossível de obter permissão, pois seria automaticamente classificada como conteúdo explícito"). A consequência é uma autocensura, onde Balbyshev opta por se concentrar no que pode compartilhar abertamente, respeitando os limites definidos pelo ambiente em que trabalha. É nesse equilíbrio delicado que se "mantém a conversa sobre nudez masculina sutil e acessível".

A atitude contestadora de Bablyshev é também sonhadora, o que gerou a procura de colecionadores de todo o mundo por sua obra. Ele ainda espera pela oportunidade de se livrar "dessas correntes de moralidade retrógrada" e ganhar mais liberdade de expressão artística:

> *Quero ver um mundo onde o nu masculino seja tão prevalente e aceito quanto o nu feminino, removendo seu valor de choque e normalizando-o como uma forma de expressão.*

Nós também queremos. **8=D**

Balbyshev em seu estúdio.

Cirurgia plástica para você.

Dr. Alcemar Maia Souto CRM 5246681-1 +55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com

John Orbit

por Filipe Chagas

Bradar por diversidade é fácil; fazer ela realmente acontecer é um trabalho árduo, especialmente em uma sociedade global que preza por padrões estéticos consumistas, heteronormativos e etaristas. É importante esclarecer que a pressão estética não é algo somente sobre as mulheres, mas sobre todos nós independente de gênero e orientação sexual. Por isso, o projeto fotográfico de **John Orbit** se faz urgente e se torna fundamental e contemporâneo.

Lucas.

Orbit revela que sempre consumiu material que celebra o físico masculino, porém, por um longo tempo, ele só via corpos musculosos e sem pêlos em livros e revistas. Fotografou, então, um ex-amante e ambos decidiram enviar para a revista Playgirl. Com a recusa, decidiu seguir na própria direção:

> *Busquei os homens que eu via todos os dias… que me inspiravam com suas "falhas" e beleza masculina idiossincrática. Esses homens seriam meus temas.*

Para tal, o fotógrafo pergunta a homens com características que a sociedade (e eles mesmos) tem dificuldade de definir como belos se eles tem o interesse em serem retratados. A partir da resposta afirmativa, Orbit sugere um momento de reflexão para que ele e seu modelo encontrem juntos a beleza. Isso faz com que ele se veja para além de ser fotógrafo:

> *Quando peço a um homem para se mover de uma certa maneira, me sinto como um escultor. Também me sinto como um repórter, revelando aos meus espectadores que, onde estou, algo (e alguém) bonito está acontecendo. Mas também poderia me definir como um historiador erótico. Esses homens estavam aqui! Eles viveram! Eles tinham uma beleza que era parte do que os tornava... eles!*

Neil.

Doug.

Scott.

Todavia, ele conta que existem conflitos, especialmente quando os problemas com a autoimagem levam os modelos a verem somente suas falhas, mesmo quando ele mostra suas belezas. Inclusive, sua preferência pelo retrato do rosto em suas expressões e vivências, Orbit vê a nudez como o auge da beleza masculina:

Se há algo mais bonito do que um homem nu, por favor, me diga o que é e eu fotografarei. A nudez frontal masculina é gloriosa. Costumo dizer (talvez erroneamente) que se não fosse pelos homens gays, não haveria ninguém para apreciar a forma masculina. Então, estou simplesmente trabalhando com minha perspectiva.

Josh.

Chris.

Ralph.

Josh.

David.

Rob.

Al.

David.

Todd.

Zach.

Brian.

Ben.

Mike.

Scott.

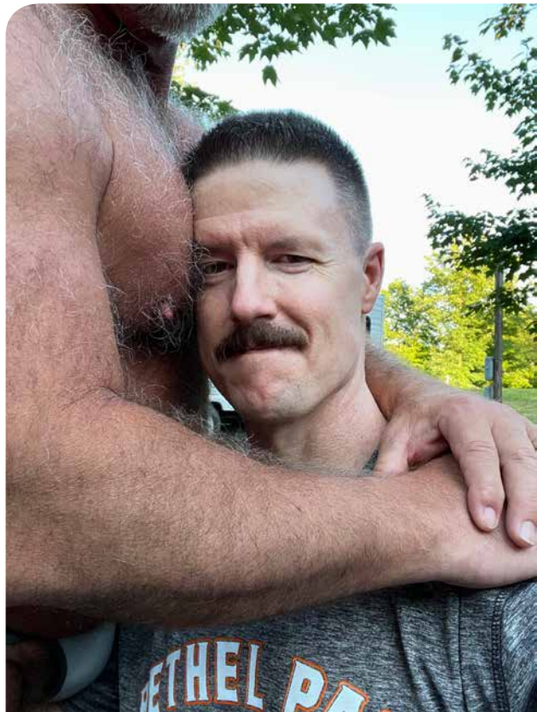
Evan.

O fotógrafo consegue ver uma melhor receptividade da nudez masculina na Arte por conta da força das redes sociais, mas acredita ser uma Arte de nicho, ou seja, para poucos ("e o que eu faço é provavelmente um nicho dentro de um nicho porque prefiro focar em homens com mais de 40 anos de idade"). E é, por essa razão, que, além de agradecer a todos os modelos que compartilham suas belezas com ele, ele deseja que todos produzam cada vez mais materiais artísticos que celebram a figura masculina em sua nudez.

Não deixe ninguém envergonhar você por sua perspectiva! Mostre ao mundo o quão lindos os homens são.

Que assim seja! **8=D**

John abraçado por um de seus modelos.



por Filipe Chagas

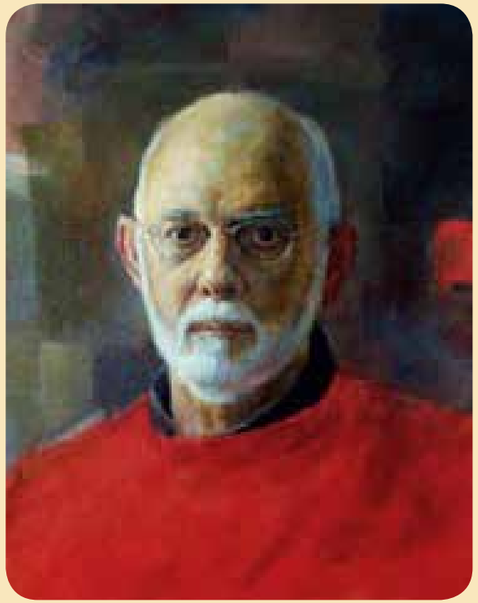
Trevor Southey

1940-2015

Oferenda, óleo sobre tela, 1987.

O pintor, gravador e escultor **Trevor Jack Thomas Southey** (1940-2015) nasceu na Rodésia, África – hoje Zimbábue. Sua herança africana pode ser rastreada até os colonos que se estabeleceram na Cidade do Cabo, África do Sul, no século 17.

A África é parte da minha fibra espiritual. Sou, de fato, branco, colonial britânico por experiência cultural direta. Mas os africanos me cercavam. Acredito que conforme internalizei os sons das línguas nativas, embora nunca as tenha aprendido muito, também internalizei um senso de sua beleza natural: a generosidade de suas feições, a maneira ágil e fácil de se movimentar e toda a variedade de suas cores – algumas de um preto azulado como a pátina de uma escultura de bronze viva, algumas de um marrom chocolate, algumas de um ocre cremoso.



Autorretrato, óleo sobre tela, 199-.

O interesse inicial de Southey pela arte se desenvolveu durante períodos de febre reumática na infância que frequentemente o confinavam à cama com apenas lápis, papel e livros de arte da biblioteca da escola. Sua educação formal começou no Brighton College of Art em Sussex, Inglaterra. Um ano depois, estudou no Natel Technical College em Durban, África do Sul, onde se converteu ao mormonismo. No início da década de 1960, chegou a servir como missionário no programa South Africa Aid da organização.

Encantado pelo acolhimento recebido entre os mórmons, decidiu emigrar para o centro espiritual de sua religião – Utah*, nos Estados Unidos – para estudar na Brigham Young University – instituição mórmon na qual Southey fez bacharelado e mestrado em belas artes, e, posteriormente, lecionou até 1977.

* Conhecido como "Estado Mórmon" ou "Zion", Utah tem cerca de 70% de sua população sendo fiéis da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Pioneiros mórmons se instalaram na região em 1847.

Porém, antes dessa mudança, fez uma viagem pela Itália e pelo Vaticano, onde ficou impressionado com a potência artística, visual, expressiva e psicológica das obras nas igrejas católicas. Então, uma das primeiras coisas que fez quando chegou em Utah foi se colocar a serviço da igreja. Recebeu a encomenda de fazer a "Primeira Visão", mas, ao entregar o resultado, pediram para ser refeito de acordo com as regras da igreja.

Após uma visita a New York World's Fair, em 1964, onde se deparou com a *Pietá* de Michelangelo, o artista começou a questionar a arte sem expressividade que era feita dentro da instituição mórmon, afinal, se a Igreja Católica investiu em nomes como Da Vinci e Michelangelo, porque o mormonismo não poderia contratá-los para criar obras-primas que fariam o mundo reverenciá-las? Southey enxergou esse questionamento como um "chamado vocacional".

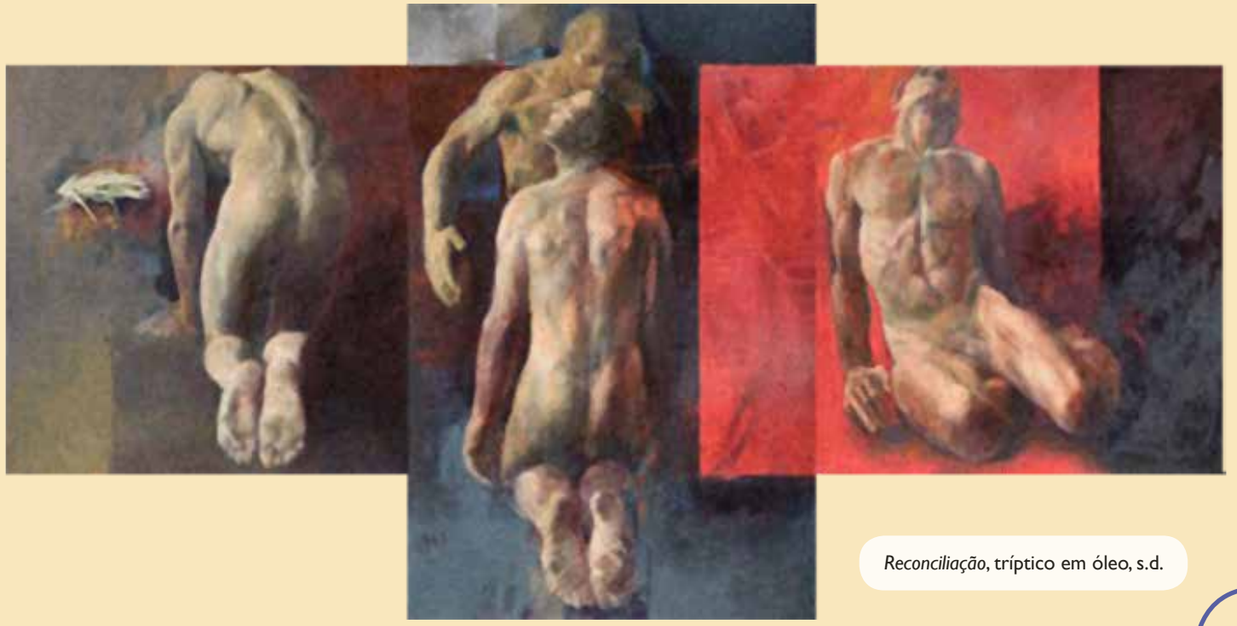
O que eles queriam era ilustração. O que eu queria era arte, porque a ilustração responde perguntas, e a arte faz perguntas. – Neil Hadlock, no documentário "Bright Spark".

Veja aqui o documentário *Bright Spark*.

Junto com amigos artistas da BYU também mórmons – Neil Hadlock (1944-), Gary Ernest Smith (1942-) e Dennis Smith (1942-) –, fundou, em 1966, um relevante grupo artístico na cidade de Alpine, Utah: o *Art and Belief Movement*.

Nós aspirávamos à significância contemporânea. E lutamos com isso. Durante o início de nossas carreiras, era "como faço para que minhas coisas sejam aceitas pelas autoridades gerais da igreja e, ao mesmo tempo, no Museu de Arte Moderna?" Essa é uma ponte ampla para tentarmos atravessar. – Dennis Smith, no documentário "Bright Spark".

O grupo chegou a criar o Festival Anual de Arte Mórmon e trabalhar para a igreja, mas sempre tendo que se dobrar às tradições. Outros artistas de várias linguagens artísticas foram surgindo na cena mórmon, tendo o grupo



Reconciliação, tríptico em óleo, s.d.

de Alpine como centro conceitual e criativo capaz de alterar a forma como a igreja enxergava a arte, mesmo depois de um famoso discurso em 1976 de uma autoridade local:

> *Quero responder a uma pergunta que enfrento com alguma frequência: por que não temos mais música inspirada e inspiradora na igreja? Ou por que temos tão poucas pinturas ou esculturas excelentes retratando a Restauração? A razão pela qual não produzimos uma herança maior na arte, na literatura, na música, no drama, não é, tenho certeza, porque não tivemos pessoas talentosas. Ao longo dos anos, tivemos não apenas pessoas boas, mas também excelentes. É triste, mas verdade, que quase como regra, nossas pessoas mais talentosas são atraídas pelo mundo. Aqueles que são mais capazes de preservar nossa herança e estendê-la por causa das tentações do mundo buscam, em vez disso, substituí-la. Eles acham que o que fazem é melhorá-la. Infelizmente, muitos deles viverão para aprender. E repito, muitos homens lutam para chegar ao topo da escada e, finalmente, chegam apenas para descobrir que ela estava encostada na parede errada.* – Boyd K. Packer, conselheiro dos Doze Apóstolos, em um discurso em 1976 na BYU.

Além destas questões práticas, outras mais particulares agiam: desde os 19 anos, Southey sabia que era homossexual, porém, comprometido com sua fé, decidiu se afastar de quem ele era. Mesmo que seus amigos mais próximos e as autoridades religiosas soubessem de sua orientação, em 1967, ele se casou com Elaine Fish – com quem teve quatro filhos.

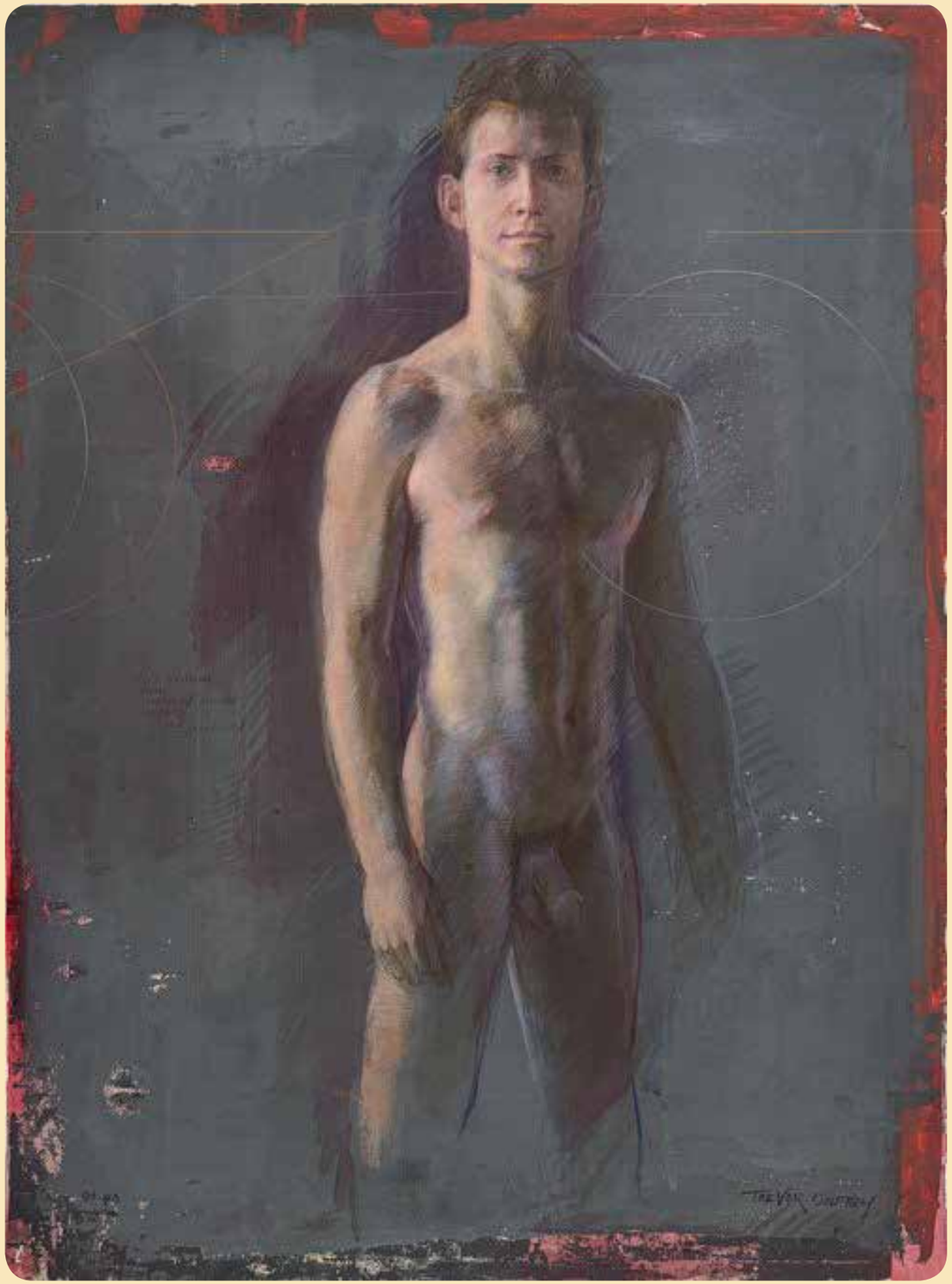
Em 1981, Southey se divorciou. E, como a homossexualidade é um pecado grave para a religião mórmon, ele acabou sendo excomungado. Após esses eventos, ele montou seu estúdio em Oakland, na Califórnia. Sua carreira artística continuou a crescer, tornando-se designer de vitrais, ilustrador de livros e gravador. Suas muitas gravuras em talhe-doce exibiram a mesma elegância e o delicado desenho de suas pinturas. Fez comissões nos EUA, na Inglaterra e até para a Igreja Católica.

Toda essa experiência de vida se tornou uma grande fonte de inspiração e, eventualmente, fez de Southey uma referência na comunidade LGBTQIA+. Quando sua filha Sarah recebeu ajuda da igreja durante o tratamento de um tumor cerebral e Southey cogitou retornar ao ambiente religioso, foi muito criticado, porém, entendeu a importância de sua história e manteve sua posição a favor dos direitos humanos, distante dos dogmas.

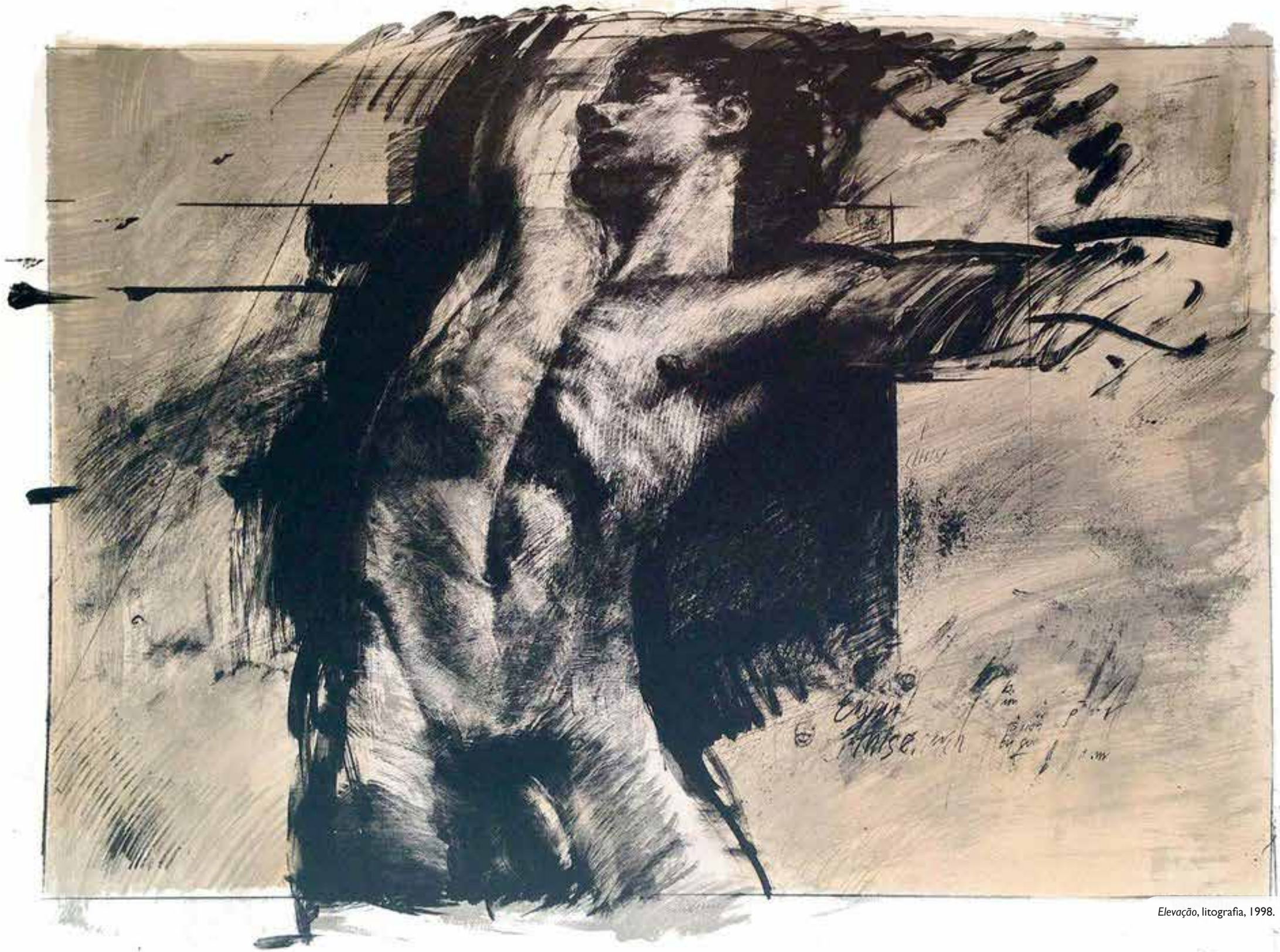
Em 2013, após uma batalha de uma década contra o câncer de próstata e um diagnóstico recente de doença de Parkinson, Southey retornou a Utah para ser cuidado por amigos e parentes. Dois anos depois, veio a falecer. O trabalho de Southey está incluído em inúmeras coleções particulares, institucionais e corporativas.

Southey usou a representação do corpo físico para retratar a alma, seguindo os mestres renascentistas. Buscava expressar a espiritualidade humana por meio de figuras comuns de natureza etérea em cenas que combinavam realismo e alegorias com carga pessoal.

> *Sempre expressei meus ideais como se estivesse vivendo e pintando na Itália renascentista, não no coração puritano da América.* – Southey para o Salt Lake Tribune, 2010.



Russ, desenho em serigrafia, 1990.

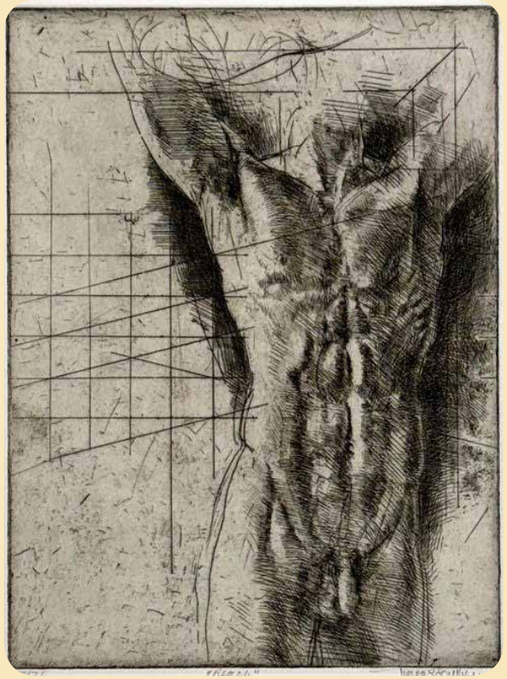


Elevação, litografia, 1998.

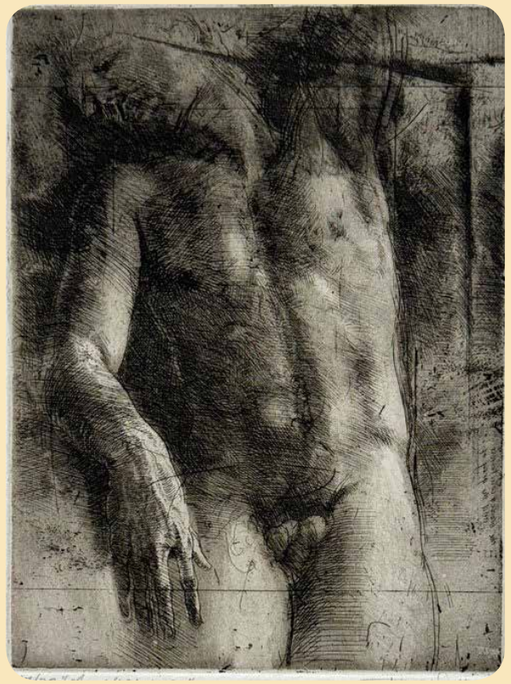
Seu idealismo romântico intuitivo encontrou foco em temas tão variados quanto conexões familiares eternas, interação humana, explorações do plano de salvação, questões ambientais e de planejamento urbano. O nu era constante em seu trabalho, como forma de ampliar a experiência humana e as reflexões entre a sensualidade e a espiritualidade. A geometria entra como razão em contraposição à intensidade emocional.

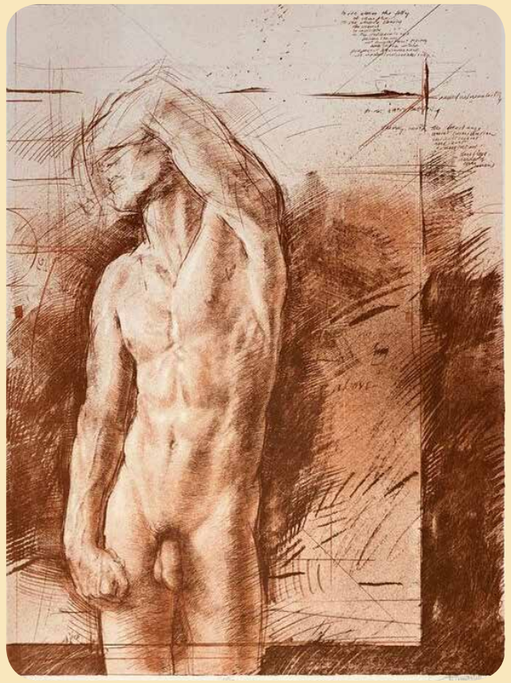
Eu reconheço livremente que minha arte não tem um lugar fácil no mundo da arte atual. Certamente não é vanguardista como definido pelo sistema, mas também não é sempre facilmente acessível ao novato. Um curador uma vez me disse que pareço ter perdido o século 20. Meu trabalho realmente evoluiu livre de muita influência porque vivi no que era realmente um remanso. Somado a isso, minha infância um tanto isolada elaborou uma natureza já retraída e romântica. Meu uso do nu vem de uma tradição atemporal na arte. Então, chego a este tempo e lugar honestamente e com entusiasmo. Eu me expresso assim porque é quem eu sou como um indivíduo com inclinação poética. Permitir que meu subconsciente natural tenha rédea solta e tentar conter a interferência intelectual em grande medida é a maneira como eu trabalho.

No início do novo milênio, Southey passou um mês na Rússia criando um projeto explorando o tema da guerra com todas as suas complexidades. Os doze modelos selecionados foram pagos (5 dólares cada) e posaram para fotos e desenhos que serviriam de material de referência para pinturas da série ***Guerreiros***. A nudez foi deliberadamente escolhida para sugerir a vulnerabilidade absoluta do ser humano semelhante a todos, porém, escondida sob um uniforme, tornando-os anônimos e muito mais fáceis de matar. Cada retrato ainda possui fragmentos de uniformes, outros apetrechos militares e uma breve nota biográfica escrita pelos próprios modelos (serigrafada na tela).



Acima, as gravuras em talho-doce *Transição* (1980) e *Alcance* (1986).
Abaixo, a gravura em talho-doce *Despertar* (1988) e a litografia *Ascendente* (1994).





Fim das corridas, bronze, s.d.

Claro que isso atraía os censores. Em 1981, por exemplo, pintou o mural *Flight Aspiration* no Aeroporto Internacional de Salt Lake City, porém, o homem e a mulher nus voando (acima) gerou protestos da *American Family Association*, um grupo nacional antipornografia com gerência mórmon. O mural foi retirado e, cinco anos depois, colocado na coleção permanente do Museu de Belas Artes de Utah.

É interessante pensar que a História da Arte nos conta sobre o mecenato das igrejas sem falar muito da vida pessoal dos artistas. Até mesmo o *Vite** do grande Vasari preferia enaltecer o talento renascentista sem contar das peripécias sexuais de Da Vinci ou das preferências de Michelangelo. Assim, para além de sua produção artística, Southey deixou um legado de coragem e resiliência. **8=D**

* *Vite* ou *Le vite de' più eccellenti pittori, scultori e architettori* (A vida dos mais excelentes pintores, escultores e arquitetos) é um compêndio publicado em 1550 que coloca a arte italiana como responsável pelo Renascimento cultural europeu e se tornou o primeiro livro de História da Arte.

Falo em Foco

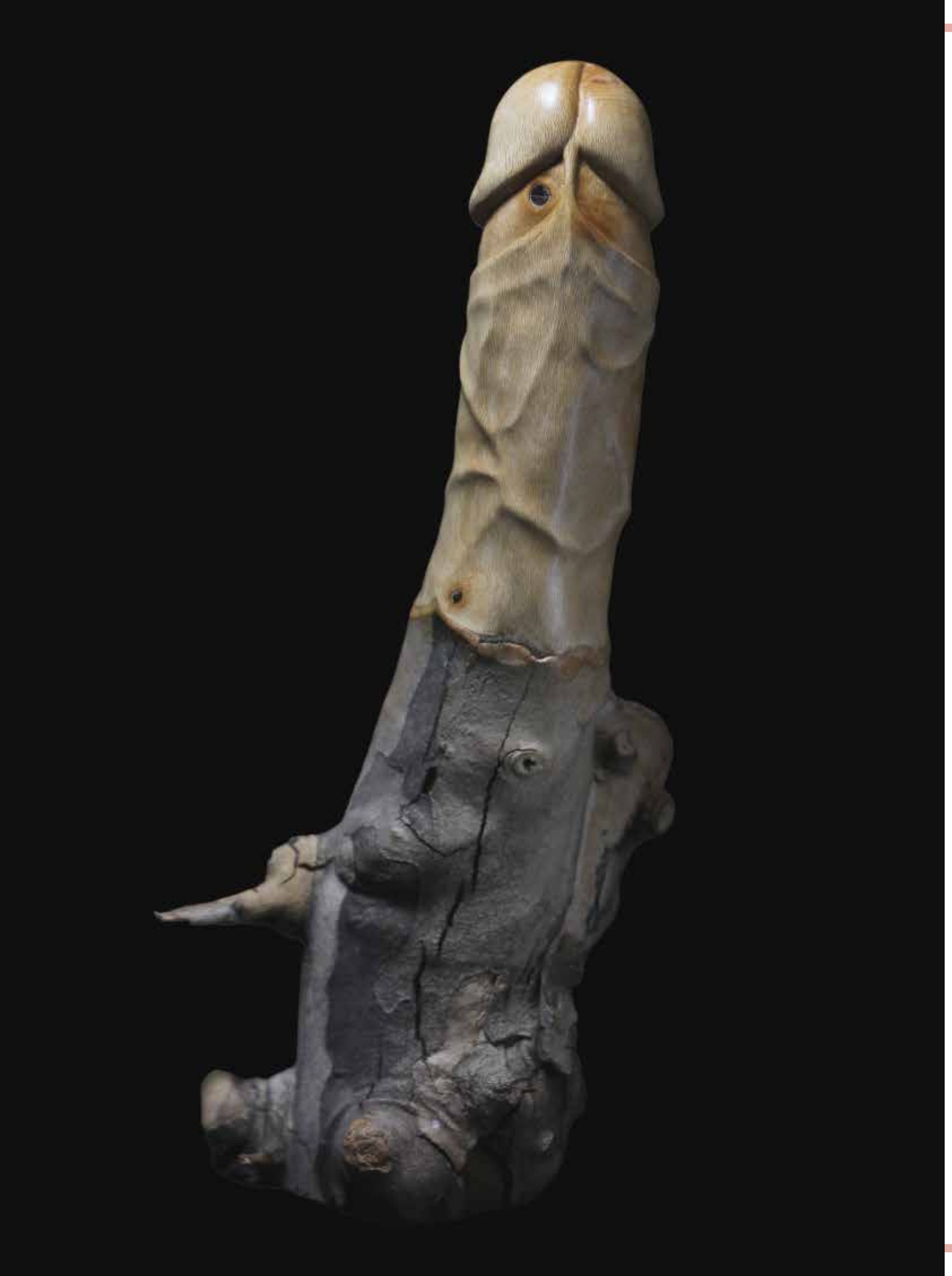
Em um primeiro momento, o projeto ***Just Branch*** pode passar por piada ou um mero dildo de madeira, mas o artista russo **Alex Kotovsky** aborda questões sensíveis à contemporaneidade.

Por meio da fusão entre elementos da madeira bruta – como casca, nó e galhos – e técnicas tradicionais de escultura acadêmica, Kotovsky pretende desafiar tabus sociais e demonstrar que o órgão genital masculino é uma parte natural e integral da experiência humana, merecendo apreciação única ao invés de medo e receio. Ao destacar sua beleza orgânica, pretende promover uma conexão mais profunda com a estética formal e, assim, trazer uma perspectiva mais aberta e receptiva sobre a temática.

> *Retrato principalmente falos eretos por causa dos detalhes e porque há a nuance de que um pênis ereto é frequentemente percebido como um perigo, algo estranho e assustador. Com meu trabalho, tento evitar que as pessoas tenham essa percepção.*

Imediatamente após a invasão russa à Ucrânia, Kotovsky deixou o país e se mudou para a Geórgia, onde continua exercendo suas atividades, pintando sonhos, esculpindo falos e enfrentando a onda de puritanismo.

8=D



O artista.

A ***Falo Magazine*** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais**!

SEJA MAIS.

www.benfeitoria.com/falomagazine

AMIGO DA FALO

R$10 / mês

agradecimento na Falo

PARCEIRO DA FALO

R$15 / mês

agradecimento na Falo e spoiler por e-mail

VIP DA FALO

R$20 / mês

agrdecimento na Falo e revista bimestral com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R$50 / mês

agrdecimento na Falo, revista bimestral com antecedência e os anuais em inglês por e-mail

www

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, **Orlando Amorim**, **Marcos Rossetton**, **Maria da Graça**, **Silvano Albertoni**, Christopher Norbury, Daniel Tamayo, Eduardo Filiciano, Giovanni Ravasi, Paulo Cibella e benfeitores anônimos.

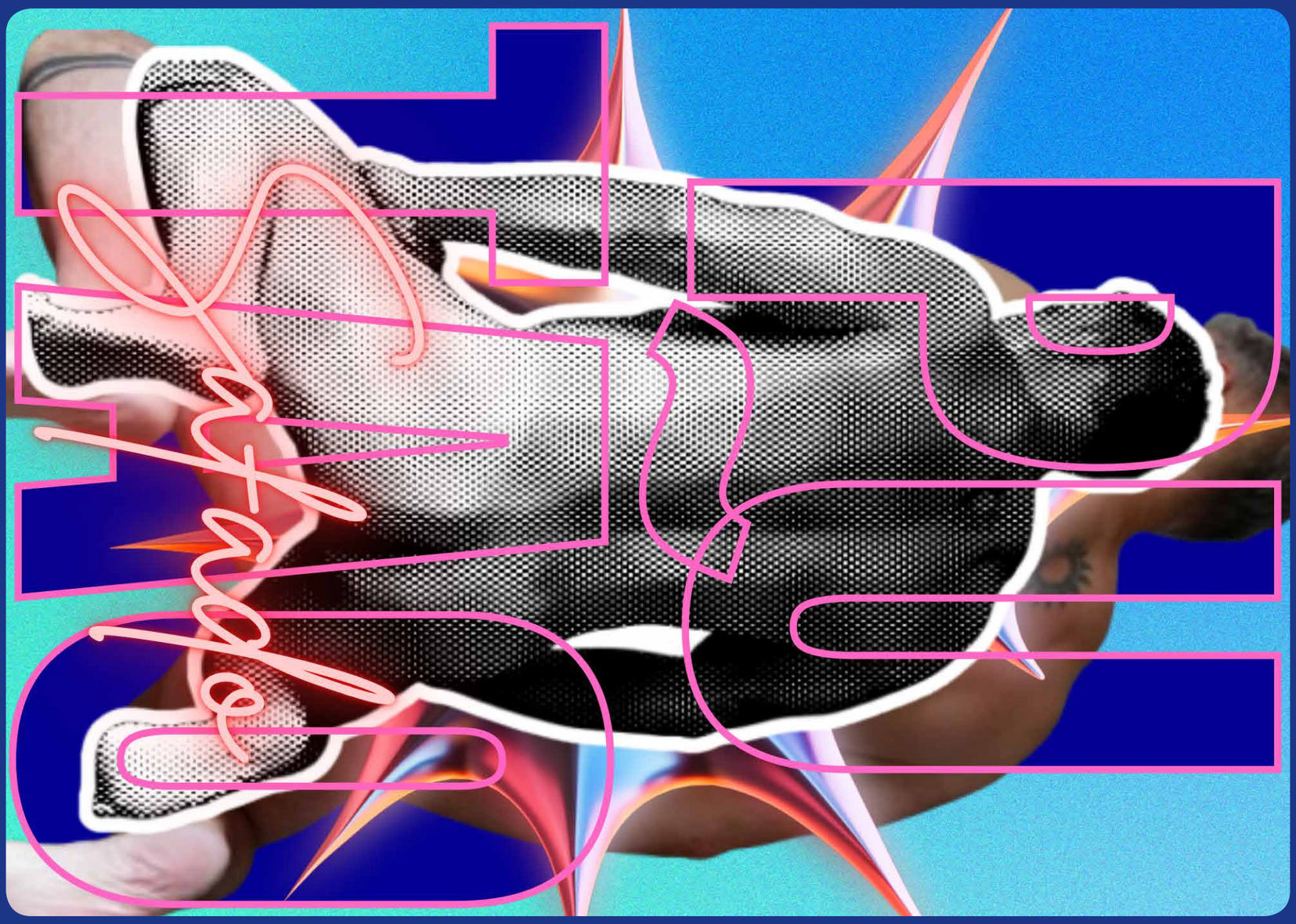


Foto: *Guilherme Correa*. Modelo: *Anônimo*.

CUECAS

Modelo: *Flavio B.*

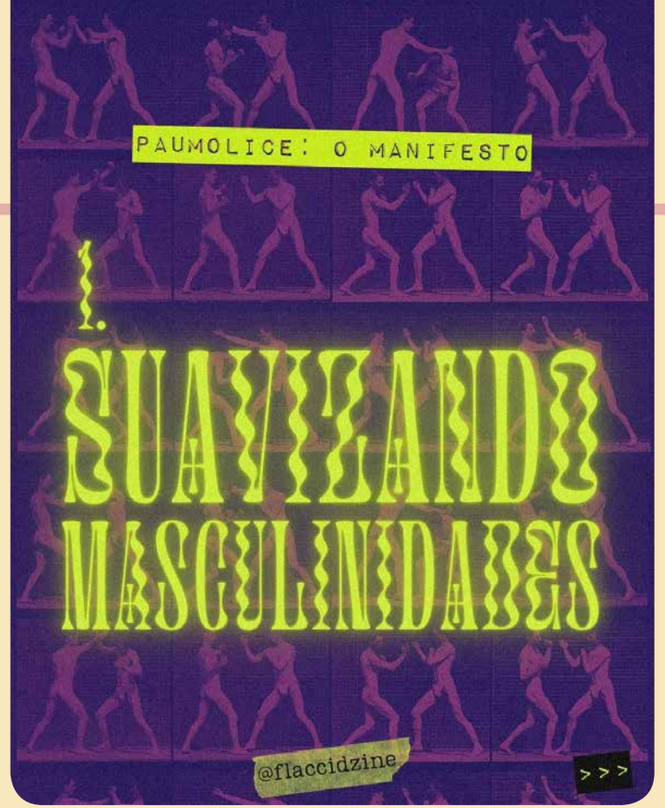
SUNGAS

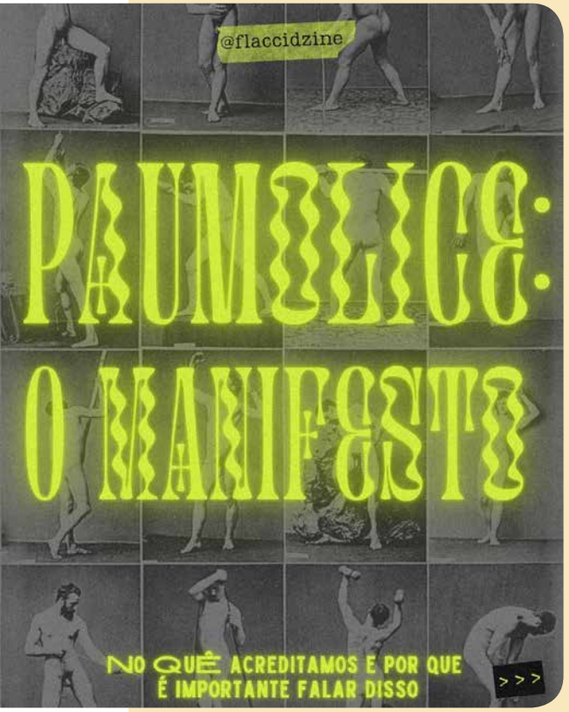
Paumolice: o Manifesto

por Rodrigo Turra

APRESENTAÇÃO, por Filipe Chagas

Há tempos acompanho o projeto ***Paumolice*** (*Flaccidzine*) nas redes por entender que ele celebra exatamente a mesma coisa que a ***Falo***: a naturalização do pênis em busca da queda de mitos e de uma vida menos pesada. Há menos de um mês, recebi uma mensagem do Rodrigo sobre um texto que ele escreveu citando a *Falo*, sem saber que ele era o responsável pelo *Paumolice*. Quando descobri, falei imediatamente de forma enfática: POR QUE A GENTE NÃO ESTÁ FAZENDO ALGUMA COISA JUNTO? E aqui estamos com a publicação deste manifesto na íntegra que precisa ser lido por todos aqueles que possuem pau e por todos aqueles que apreciam o pau. Um viva à paumolescência!





Paumolice é um projeto experimental que aborda masculinidades e o tabu do pau mole. Este projeto é uma celebração e uma carta de amor ao pau mole e todas as suas facetas. Não nos leve a mal: não estamos aqui para atacar o pau duro; na real, nós os amamos também. Mas a realidade é que o pau duro já recebe muito amor e atenção, e queremos mostrar nosso amor e admiração pelo pinto mole (frequentemente incompreendido), não excluindo sua contraparte dura, mas para além dela.

Aqui, apresentamos nosso manifesto para que você possa entender o que defendemos e por que este projeto é relevante no contexto cultural atual. Se você tiver algo a acrescentar, acesse o site *flaccidzine.xyz* e comente no documento compartilhado. Você também pode responder à pesquisa anônima e seguir o perfil do projeto nas redes.

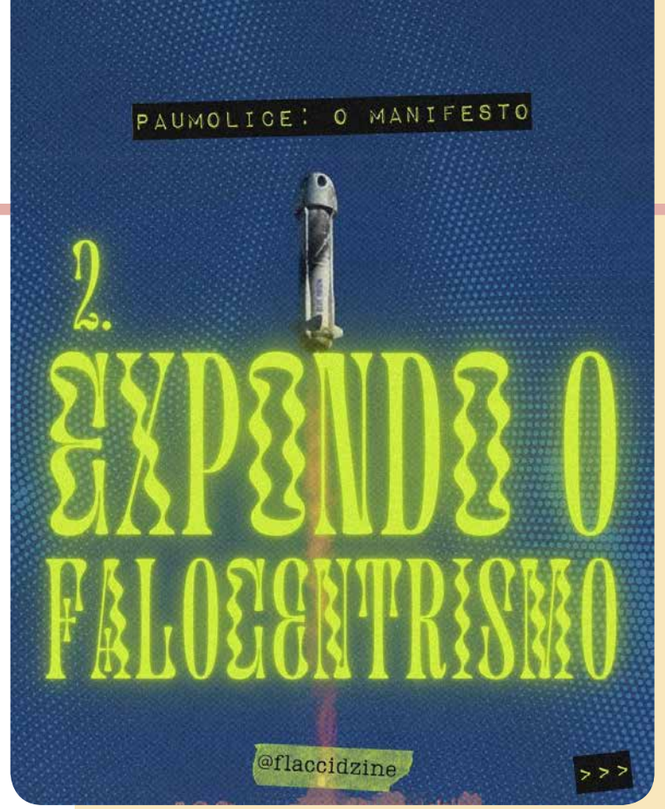
Obrigado!

Rodrigo Turra

Sob o patriarcado, as ideologias masculinas tradicionais e masculinistas reduziram a masculinidade a sentimentos de antifeminilidade, antifraqueza, violência e virilidade. Alguns até conectam a masculinidade ao tamanho, aparência e desempenho do nosso dote. Isso resulta em masculinidades tóxicas e frágeis. Como estamos testemunhando, essa linha de pensamento é insustentável e prejudicial à nossa saúde mental e à sociedade. A masculinidade está em crise.

O projeto **Paumolice** acredita que novas formas de masculinidade podem ser sobre suavidade, flexibilidade, vulnerabilidade, ludicidade e intimidade — tudo inspirado em nossas próprias anatomias.

Ao abraçar totalmente nosso estado flácido, também estamos aceitando e incorporando a ternura inerente de nossos seres, ao mesmo tempo em que subvertemos o imperativo ultrapassado da masculinidade, sempre viril, excitado e pronto para performar.

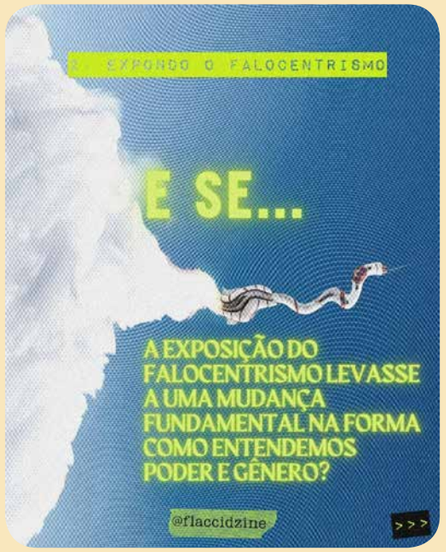


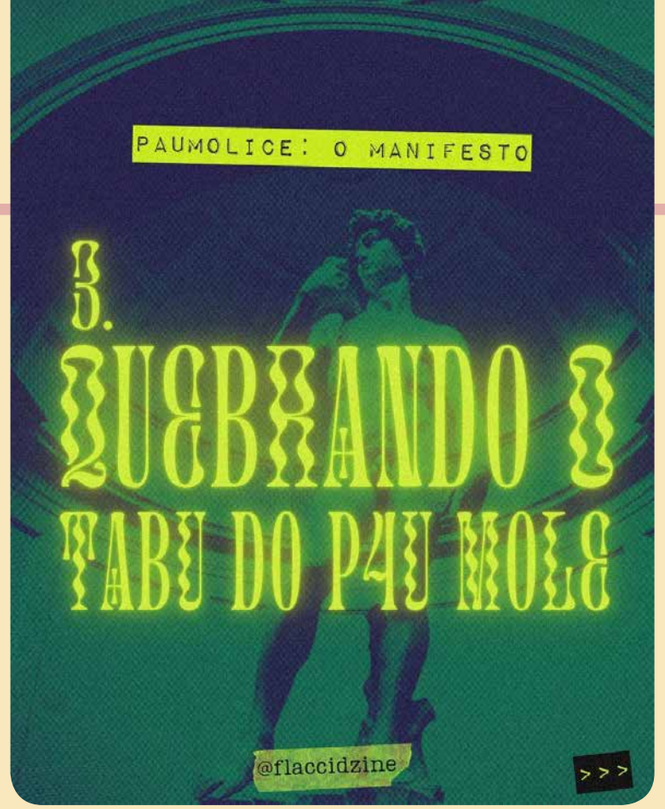
Pode parecer contraintuitivo que um projeto tão focado no pau mole faça isso, mas como a filósofa lacaniana e teórica social Alenka Zupančič coloca, quando falamos sobre isso, estamos "expondo o falo em vez de permitir que ele opere como um mistério."

Simplificando, quando expomos o falo (que nem sempre é o pênis, mas também outros símbolos percebidos de poder), também somos capazes de questionar, rejeitar ou não reconhecer totalmente o simbólico. É um mito de poder.

Ao banalizar a imagem e a presença do falo, seu significado se fragmenta em mais dimensões, desmistificando sua glória e tirando-o do pedestal. Principalmente se estamos falando de sua versão flácida, que carrega outros significados.

Por essas razões, o Projeto **Paumolice** acolhe conhecimentos feministas, queer e ancestrais que desafiam a masculinidade hegemônica e desnudam o poder simbólico ocidental moderno do falo.



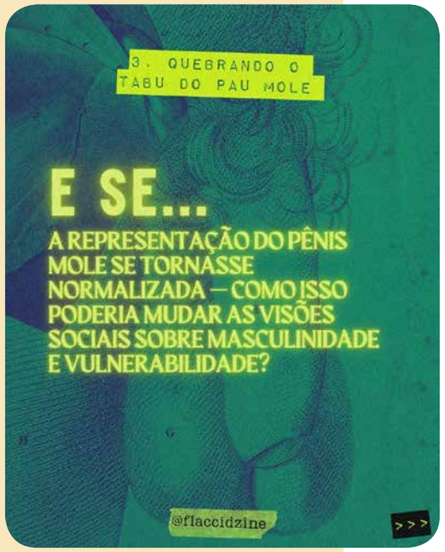


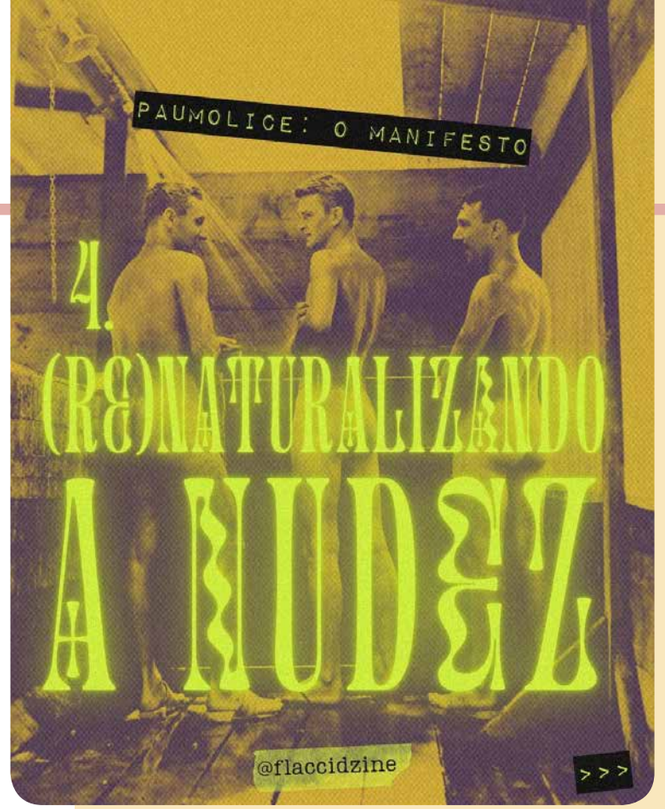
Em uma sociedade falocêntrica, o fato de haver um tabu em torno do pênis não é por acaso, mas por design. Se compararmos com a nudez feminina, vemos a persistente censura da nudez frontal masculina em filmes, séries, mídias sociais, arte e até mesmo em espaços físicos, todos os quais operam a serviço da manutenção do patriarcado (como visto no ponto anterior).

O fato é que, como a censura do pênis se infiltrou em nossos ambientes online e reais, muitos de nós acabamos obtendo nossas referências da pornografia: membros sempre duros e grandes que não refletem a diversidade da realidade. Não à toa, os homens têm muito mais neuras com seus pintos moles do que duros. E a representação do pau mole? Afinal, é assim que ele passa a maior parte do tempo.

Embora isso pareça estar mudando nos últimos anos, muitas vezes é cilada. Mesmo quando vemos cenas de nudez frontal masculina em nossas telas, existem grandes chances de que seja uma prótese, um pau de mentira; No final, isso só reforça estereótipos e tabus existentes, borrando as linhas entre o que é real e falso.

O Projeto **Paumolice** quer recuperar espaços cibernéticos e físicos com a presença do pênis mole, por meio de representações democráticas, diversas e que as pessoas se identifiquem. Quem sabe a gente pode normalizar e reformular sua representação em nosso imaginário?



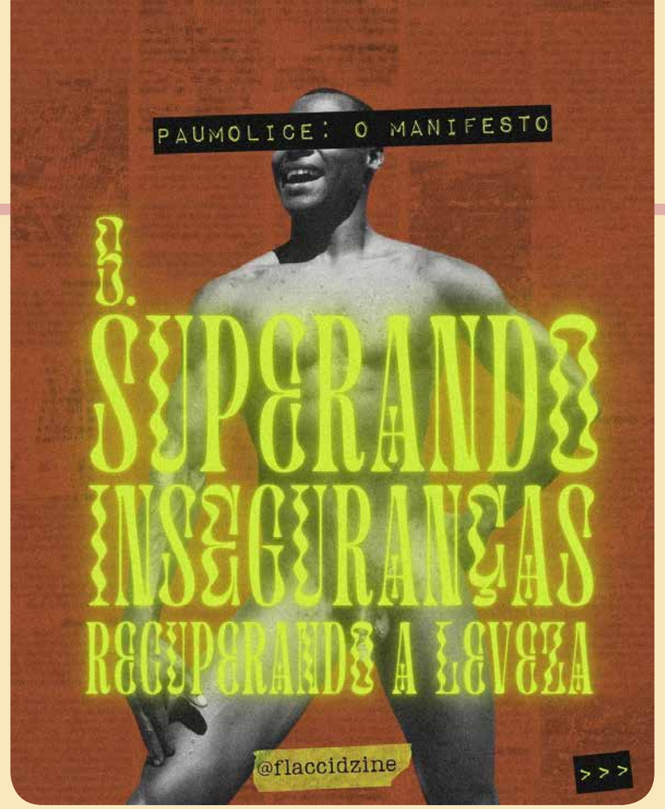


A sociedade nos ensinou a sentir vergonha de nossos corpos nus. Na maioria das culturas ocidentais, sistemas de valores moralistas conectam a nudez à selvageria, insanidade, vergonha e pecado. Esse pensamento foi ainda mais impulsionado pela igreja e pelos processos de colonização. Hoje, com atitudes pudicas e conservadoras crescentes, espaços que geralmente permitem a nudez são cada vez mais raros: praias de nudismo, parques e spas e até saunas, chuveiros comunitários e vestiários.

Quando a nudez vira tabu, ela é consequentemente supersexualizada, removendo seus aspectos mundanos (e benéficos). Isso nos deixa desconectados de nossos corpos, com baixa autoestima e perdendo a noção da diversidade dos corpos reais.

Podemos falar e racionalizar esses tópicos o quanto quisermos, mas a maneira mais prática de superar essa vergonha e insegurança é praticar a nudez não-sexual, sozinho e com outras pessoas.

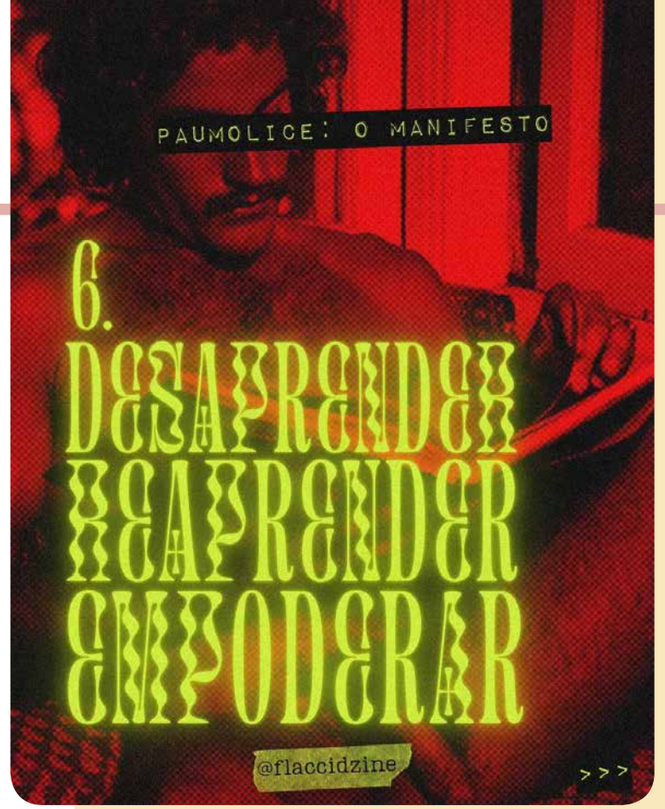
O Projeto **Paumolice** quer normalizar a nudez e adicionar uma camada dessexualizada a ela praticando-a com mais regularidade. Queremos encorajar a todos a se juntarem a movimentos e espaços nudistas e naturistas e vivenciar como isso afeta nosso relacionamento com nossos corpos.



Paus moles são uma fonte de insegurança e vergonha para muitas pessoas, mais do que sua versão ereta. Isso acontece por causa do seu tamanho, aparência, significados (vulnerabilidade, intimidade) e até mesmo o estigma da impotência. Muitos caras sentem essa ansiedade (*Flaccid Anxiety*) frente a qualquer sinal de que outra pessoa os veja de pau mole.

Culturalmente, vemos a glorificação de membros maiores e o desprezo e zoação de membros menores (e até mesmo médios). É impossível separar isso da ascensão de próteses penianas nas telas e do crescimento de procedimentos de harmonização peniana na vida real.

O Projeto **Paumolice** acredita no movimento de Positividade do pênis, um spin-off da positividade corporal, que promove a auto-aceitação do seu pau. Como Caroline Caldwell disse muito bem, "Em uma sociedade que lucra com sua insegurança, gostar de si mesmo é um ato rebelde". Pode ser revolucionário conhecer a si mesmo e se sentir confortável em sua própria pele.

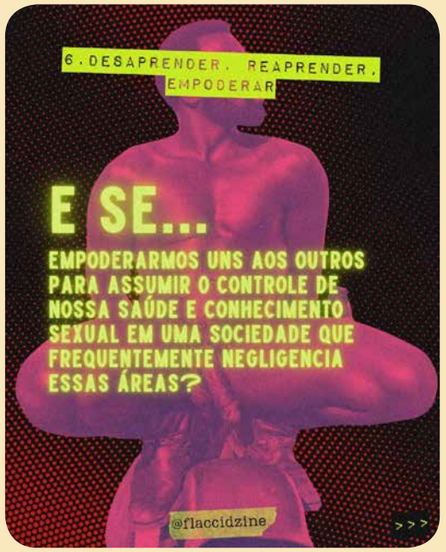


Quando não temos educação sexual em nosso sistema educacional e o tópico é tabu em nossas comunidades, encontramos outras maneiras de aprender. A indústria pornográfica preencheu essa lacuna, tornando-se esmagadoramente a principal fonte de educação sexual para muitas pessoas, cada vez mais cedo, à medida que temos acesso à internet e aos nossos dispositivos super pessoais.

O que vemos, em geral, são membros grandes, sempre duros e, na maioria das vezes, práticas agressivas onde o consentimento fica nebuloso. Isso deixa as pessoas inseguras, se perguntando se sua anatomia é normal enquanto replicam e normalizam comportamentos degradantes não consensuais em sua realidade.

Quando temos campanhas para homens adultos lavarem suas partes íntimas, sabemos que precisamos rever algo. É um problema individual e íntimo que transbordou para o coletivo.

O Projeto **Paumolice** incentiva a curiosidade e a autorreflexão. Podemos servir como um ponto de partida para reaprender sobre nossas anatomias, que a normalidade é bastante diversa, e entender como cuidar de nossos corpos e saúde, empoderando pessoas com pênis. Nunca é tarde pra começar.

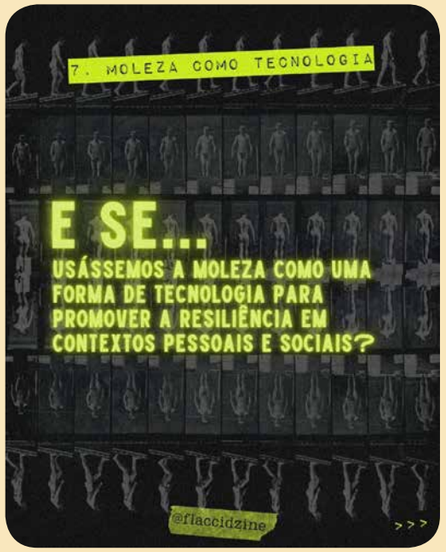


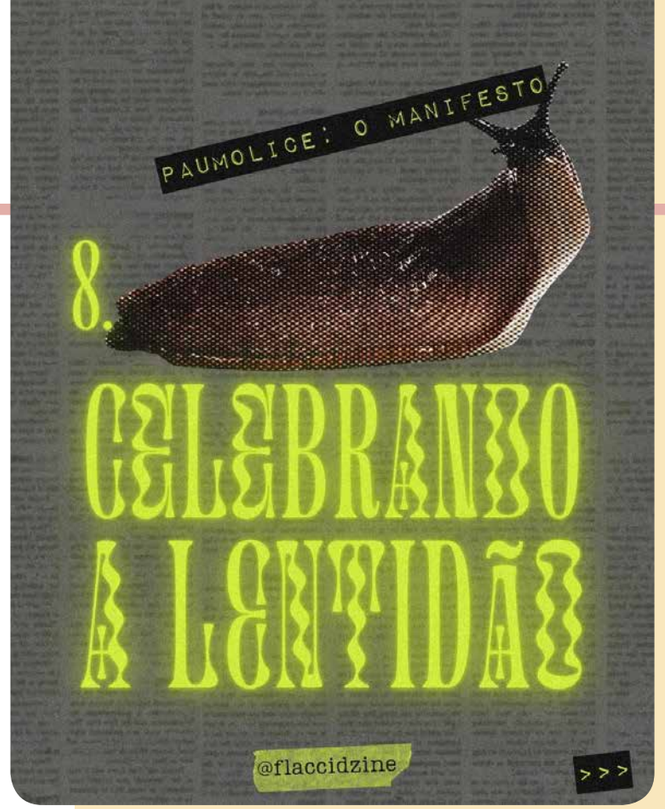
A vida já é difícil o suficiente, e diante da dureza da realidade, invocamos (um outro tipo de) *soft power*.

Se você pensar, anatomicamente, em como o pênis funciona, é um mecanismo maravilhoso de energia e fluxo sanguíneo através de câmaras que permite que ele seja diversas fases entre mole e duro.

Se "tecnologia é a aplicação de conhecimento conceitual para atingir objetivos práticos", podemos usar a moleza e flacidez como uma espécie de biomimética para resolver problemas. Assim como a música não pode existir sem silêncio e os espaços vazios são essenciais no design, a moleza e a ternura são inerentes à nossa existência e primordiais para resistir aos nossos sistemas opressivos.

O projeto **Paumolice** pretende nutrir a moleza radical em nossas vidas, incorporada em nossas anatomias orgânicas de alta tecnologia.

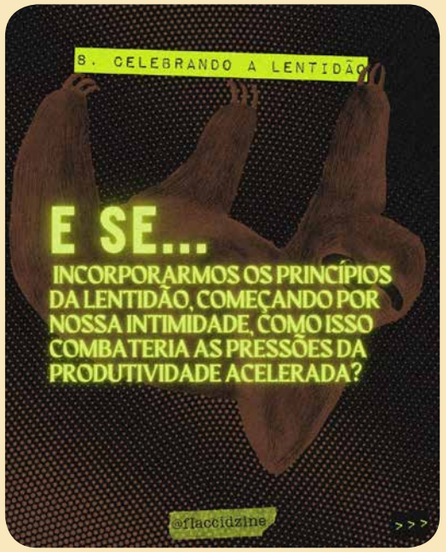




Nossa sociedade capitalista é conhecida por seu fetiche por crescimento rápido produtivista, insustentável e infinito, e isso transborda para nossas intimidades.

O movimento de decrescimento defende uma abordagem econômica mais lenta, durante a qual a riqueza econômica produzida não aumenta ou mesmo diminui. Da mesma forma, o movimento slow defende uma redução no ritmo da vida moderna, materializada em movimentos como *slow-food*, *slow-fashion* e *slow-content*, em resposta ao *fast-food*, *fast-fashion* e à corrida algorítmica na economia dos creators.

O projeto **Paumolice** celebra a lentidão, como um lembrete de que nem sempre é preciso ter pressa, e que dá para relaxar, na moleza, em sintonia com seu corpo. Mais suave, melhor, mais lento, mais forte. [*Softer*, *better*, *slower*, *stronger*]



Estamos acostumados a pensar em mole e duro como um binário, às vezes adicionando o intermediário "meia-bomba". Paumolice é, na verdade, um espectro, e não algo estático.

De super pequeno e enrugado no frio a um pau mais vascularizado em um dia quente de verão, ele muda com o clima, com seu humor, com seu estado de te(n)são.

Além disso, corpos diferentes têm pênis diferentes. *Showers*, *growers* e suas variações. De T-dicks e micropênis a macropênis, todos eles são válidos com seus atributos múltiplos e singulares.

Nossos paus moles também podem invocar uma infinidade de emoções e sentimentos: da vergonha ao orgulho, da timidez à diversão, da curiosidade à autoconfiança, do prazer à vulnerabilidade. E podemos reescrever isso à medida que nos tornamos mais íntimos de nossas anatomias.

8=D

Afinal, tamanho é documento?

Não!

E eu tenho como provar!

Pesquisa sobre a anatomia peniana feita com a participação de leitores/seguidores, totalmente ilustrado e bilíngue.

PDF | 140 páginas | $

Entre em contato através do e-mail *falonart@gmail.com*

por Claudimar Pereira Silva

Fósseis da abjeção: Espectralidades queer no projeto visual *Cruising Archaeology*

Jouissance: *terminologicamente isto ainda vacila, tropeço, confundo-me.*
Roland Barthes.

Let's go to perfect places.
Lorde.

Em 12 de setembro de 2023, o perfil *Cruising archaeology* no Instagram fez sua primeira postagem. Trata-se de uma imagem cuja localização, evidenciada pela marcação geográfica no topo da postagem, situa-se em Londres, Inglaterra. A foto exibe o pedaço rasgado de um rótulo de *Rush*, uma das marcas mais famosas de *poppers*[1] disponíveis no mercado. O rótulo de plástico é da cor amarela, enquanto as letras que formam o nome do produto estão inscritas em vermelho, seguidas por um pequeno símbolo de raio, semantizando o arsenal variado de práticas de *chemsex*. No centro desse fragmento, há dois alertas, comuns a esse tipo de produto, e veiculados em simbologia universal: uma pequena chama dentro de um losango indicando inflamabilidade, e um pequeno crânio alertando sobre a toxicidade e a letabilidade do produto. O pedaço de rótulo aparece fotografado num fundo infinito branco, de modo a ressaltar seu aspecto único e, no caso, *contingente*, de objeto encontrado. A legenda traz uma breve descrição, onde se lê: "Found object: foil packaging from 10 ml bottle of 'Rush' poppers. Hackney Marshes, London. 2023." (fig. 1).

1. *Poppers* são substâncias químicas, da família dos nitratos de alquila, que quando inaladas promovem o relaxamento muscular e aumento da sensação de prazer sexual, sendo amplamente utilizadas, desde a década de 1970, entre homens gays.

Fig. 1. *Found object: foil packaging from 10ml bottle of 'Rush' poppers.* Hackney Marshes, London, 2023.

Nesse mesmo dia, mais 3 postagens foram feitas, cada uma delas mostrando um pequeno objeto: uma embalagem rasgada de preservativo da marca Heaven, do estilista americano Marc Jacobs; um pequeno saco plástico adesivado, repleto de detritos orgânicos sobre sua superfície, comumente usado para acondicionar entorpecentes; e um invólucro prateado de agulha de seringa de 1 ml da marca Unisharp, também cheio de resíduos. As postagens prosseguiram continuamente de 12 de setembro de 2023 a 24 de setembro de 2024, contabilizando um total de 150 objetos, enquanto o perfil no Instagram conta, até o momento da escrita desse ensaio, com 2.390 seguidores.

De autoria anônima – como regulamenta a própria ontologia rarefeita das práticas sexuais masculinas em espaços públicos – o projeto *Cruising archaeology* (2023) consiste na coleta, curadoria, catalogação e exposição, via posts no Instagram, de pequenos objetos e resíduos encontrados em *cruising spots*, isto é, lugares de "pegação" gay, ao redor de Londres. Pequenos objetos descartados, como embalagens vazias de preservativos, camisinhas usadas, seringas, roupas íntimas, cartelas de medicamentos, frascos de substâncias químicas, e até mesmo objetos pouco ortodoxos, como um celular e um fragmento de panfleto das Testemunhas de Jeová, formam um verdadeiro arquivo e inventário minuciosos da subcultura estigmatizada do *cruising*, i.e., as interações sexuais, geralmente entre homens gays cisgênero e HSH (homens que fazem sexo com homens) em heterotopias[2] múltiplas: banheiros públicos, parques, mictórios, cinemas e construções abandonadas. Posteriormente, em julho de 2024, um pequeno livro de fotografia intitulado *Cruising archaeology: a catalogue of pleasure*, foi lançado pela editora Smut Press, emulando, numa edição pequena e compacta, o mesmo aspecto escuro e aurático dos objetos perdidos ou descartados no projeto.

Para uma visualização mais precisa e ampla dessa verdadeira *assemblage* virtual do desejo e da sexualidade dissidente, apresenta-se agora uma tabela que organiza quantitativamente os objetos de *Cruising archaeology*:

2. Nas palavras de Michel Foucault, a heterotopia refere-se aos espaços nos quais convergem as formas não-hegemônicas de vida e periféricas à centralidade do poder, e onde "[...] se alocam os indivíduos cujo comportamento é desviante em relação à média, ou à norma exigida." (Foucault, 2013, p. 117).

Fig. 2. Tabela quantitativa aproximada de itens do projeto *Cruising archaeology* (2023-2024)

Embalagens de preservativos e lubrificantes	43
Preservativos descartados	5
Aparato para o uso de substâncias químicas	39
Medicamentos, cartelas e invólucros de medicamentos	18
Roupas descartadas	11
Brinquedos sexuais	4
Outros	14

A análise da quantificação e categorização dos objetos postados no perfil *Cruising archaeology* possibilita algumas interpretações. Primeiramente, a coleta e curadoria cuidadosa desses vestígios ressaltam a espacialidade do *cruising*, nos arredores de Londres e, por extensão, em qualquer ponto de pegação, como topologia fundamental para a prática sexual anônima, confirmada pelo grande número de embalagens de preservativos e lubrificantes jogados nesses espaços. Embalagens de camisinha rasgadas nos dentes, abertas por mãos apressadas, ou ainda preservativos cheios sendo descartados enquanto calças são levantadas e indivíduos até então desconhecidos se recompõem um diante do outro - são inúmeras as possibilidades *visuais* e *ficcionais*. Sem dúvida, cada um desses objetos permite justamente o exercício que acabamos de fazer: a formação pulsional de *narrativas*, calcadas no imaginário (elas mesmas imbuídas do prazer erótico inerente à fantasia), a respeito da cadeia lógica de acontecimentos inscritos no real, que finalmente levaram determinado objeto a ser abandonado naquele espaço.

Um exemplo: nota-se, pela tabela, que aproximadamente **43** embalagens de preservativos foram encontradas, catalogadas e postadas, enquanto o preservativo em si, usado e desinflado, contabiliza apenas **5** itens. Infere-se, por essa disparidade, que se estabelece, na temporalidade vigiada (e auto-vigiada) do *cruising*, certo protocolo com o preservativo depois de utilizado, não sendo ele simplesmente jogado ou abandonado ali. Dentro dessa narrativa *possível*, podem estar investidas, simultaneamente, noções de higiene, de riscos referentes à ISTs, de ética espacial e interpessoal, e ainda o cuidado em não deixar vestígios que denunciem ao poder público que aquele lugar é mobilizado para a prática sexual entre homens, de modo a preservá-lo para ações futuras.

Cada objeto de *Cruising archaeology* enceta, além de uma *narrativa*, também uma *ausência fantasmagórica*, como registro instável e semovente de momentos passados de interação sexual. Além disso, ressaltam o *cruising spot* como lugar imperioso da *jouissance*[3], do gozo, seja ele erótico ou químico – este último, assinalado pela quantidade de detritos boiando no vórtice nebuloso de prazer experimentado nas práticas de *chemsex*: agulhas, seringas, cachimbos, invólucros, frascos vazios de *poppers* etc. Nos territórios urbanos de cruising não estão implicadas apenas as noções de prazer unívoco atingido pelo contato sexual, mas a própria contaminação (e ultrapassamento) desse prazer difícil pelo abjeto, pela expelição, pelo descartado e o escatológico, que o projeto *Cruising archaeology* materializa com eficácia. A *jouissance*, portanto, deixa suas pegadas nesse jardim das delícias soturno onde homens olham, espiam e perambulam silenciosa e sorrateiramente.

3. Desenvolvido por autores como Jacques Lacan, Georges Bataille e Roland Barthes, o conceito de *jouissance* refere-se a uma dimensão mais complexa e profunda do que a mera experiência do prazer, envolvendo noções de êxtase, excesso, dor e violência, em seu processo de fruição.

Fig. 3. *Found object: Durex light blue condom packet.* Hampstead Heath, London, 2023.
Fig. 4. *Found object: black ribbed latex condom.* Tower Hamlets Park Cemetery, London, 2023.

Aaron Betsky (1997), ao interpretar o modo como a arquitetura direciona e fundamenta os fluxos do desejo dissidente da heteronorma – em particular no perímetro urbano – afirma que as heterotopias do *cruising* caracterizam-se por sua *efemeridade*, ou seja, constroem-se a partir da própria *práxis* sexual, e em seguida desaparecem, para em seguida reviverem novamente, quando nova interação sexual ocorrer. Essa mesma noção difusa e espectral do *cruising*, uma subcultura sexual regimentada por um conjunto de signos e códigos mais ou menos fixos, evidencia-se nessa *arqueologia do desejo*: no limite, todos os objetos de *Cruising archaeology* estão enfeixados pela mesma noção de prazer dissipativo, vinculado à temporalidade: os preservativos, as seringas, os cachimbos, os frascos de *poppers*; as cartelas de medicamentos que prolongam a ereção (sildenafila) ou que previnem a infecção pelo HIV (Truvada/PrEP); os brinquedos sexuais, como dildos e anéis penianos, exumados do chão desses parques, como pequenos totens do fetiche.

Se o *cruising* se define por sua brevidade, pode-se considerar os objetos de *Cruising archaeology* como pistas, rastros fantasmáticos desses itinerários deambulantes do desejo, percorridos nas cidades por homens gays e HSH. Diante disso, os itens da série são *espectrais* porque se constituem como indícios, sombras de presenças lúgubres e anônimas, que procuram

sexo nesses espaços. O *uncanny*[4], no projeto, reside no próprio movimento de *escavação* que o define, na reunião multidimensional de artefatos recolhidos de uma espacialidade densamente cifrada e comumente *assombrada* por noções de segredo, como lugar que supostamente não deve ser conhecido por agentes exógenos a ele.

A contingência dos vestígios em *Cruising archaeology* obedece, paradoxalmente, à seguinte gramática: tais objetos podem ter sido deliberadamente jogados naqueles espaços, inscritos fora do grande olhar do panóptico[5] (o que teoricamente tudo permite), ressaltando ainda seu aspecto de monturo; podem também ter sido *esquecidos* ali, em especial no que se refere a objetos menos usuais, como óculos, celulares etc (estabelecendo, implicitamente, certo vínculo com o lugar, visto que há sempre a possibilidade de retorno a ele para a procura do objeto esquecido); e, por fim, tais objetos podem ter sido *perdidos* naqueles espaços, sendo que tal movimento de perda pode ter sido ocasionado pelos múltiplos fatores inerentes ao *cruising*: a rapidez, cautela, escuridão, medo do flagra, insalubridade do lugar. Cada uma dessas possibilidades constrói micro-narrativas que se desdobram umas sobre as outras, como as próprias dobras retorcidas e sujas da peça de roupa descartada, na fig. 5.

Fig. 5. *Found object: Karrimor running shorts. Small.* The Paddock Community Nature Reserve, Tottenham, London, 2023.
Fig. 6. *Found object: single use disposable blue face mask with ear loops.* Abney Park Cemetery, London, 2023.

4. O *uncanny* é mobilizado, aqui, para se referir à conceituação de Sigmund Freud sobre o *Das unheimliche*, o *estranho familiar*, que julgamos ser um componente estruturante em determinados espaços de *cruising*, sobretudo nos perímetros urbanos.

5. Michel Foucault utiliza a estrutura do panóptico para definir o grande sistema de vigilância das sociedades contemporâneas, responsável pelos regimes de correção, disciplina e adestramento social dos corpos.

Depois de perdidos ou descartados, os objetos de *Cruising archaeology* iniciaram, inevitavelmente, um processo de *fossilização* ocasionado pela *temporalidade* e pelas condições físicas e naturais daquele espaço. No limite, alteraram-se de objetos limpos, reconhecíveis e funcionalmente bem delimitados da vida cotidiana para pequenos resquícios nas zonas degradadas do desejo e do abjeto, como *memento mori* de um instante imaterial. Por meio dessa arqueologia, rastros dessas interações sexuais fortuitas entre homens são retirados da dimensão escura e pantanosa do conteúdo soterrado, do espaço informe do vestígio e do arcaico, para o escrutínio público luminoso das telas e interface dos aplicativos, no perfil do Instagram. Nesse sentido, a fratura do privado no espaço público, que fundamenta a ontologia do *cruising*, é permanentemente reatualizada por essa dinâmica e fetichização do fragmento torcido do *cruising spot*.

Os objetos de *Cruising archaeology* constituem-se como pequenos fósseis de instantes passados, eles mesmos voláteis, de interação sexual nas topias urbanas da pegação. Aquilo que, na espacialidade do *cruising*, estava fadado a ser deteriorado e soterrado, seja jogado ao chão ou preso entre galhos de árvores, agora atinge um novo significado visual e cultural, ao ser escaneado e postado em uma rede social.

Na realidade, os curadores de *Cruising archaeology* pavimentam uma contradição fundamental: promovem a escavação da espacialidade topográfica de onde retiram esses fósseis do êxtase e do desejo, para em seguida inscrevê-los e, por que não, *soterrá-los* novamente no espaço virtual, dessa vez ao escrutínio de todos. Em cada um desses artefatos, as temporalidades (*queer*, múltiplas) convergem: a temporalidade que deflagrou o descarte deles no espaço; o longo tempo decorrido para seu embalsamento fúnebre na topologia do parque (fossilização); o próprio tempo da curadoria e sua busca por significados pela apreensão do individual no todo; além da temporalidade da topologia virtual, onde são catalogados e postados. A noção de uma arqueologia implica também a mobilização de estratos do passado *queer*, seja pela prática histórica do sexo em espaços públicos – como pontua Espinoza (2019), o surgimento do *cruising* remonta à Idade Média – seja pela antítese estabelecida entre o *cruising* analógico, realizado presencialmente, e a contemporânea busca por parceiros sexuais por meio da Internet, celulares e aplicativos.

Vista em conjunto, a curadoria de objetos não deixa de se constituir como uma pequena cosmogonia da *abjeção* (Kristeva, 1982), uma reunião de objetos que narram a gênese *queer* de um *mundo* de destroços, formado por um arquivo de objetos rotos e expelidos por sujeitos dissidentes, em territorialidades desatarraxadas da lógica urbana heterossexual – parques abandonados pelo poder público, construções não concluídas, banheiros desativados, cinemas decrépitos. Paralelamente a isso, há a inscrição ectoplásmica dos percursos masculinos do desejo e do prazer nesses espaços, além da promoção de uma reflexão pertinente sobre a gestão deles e o lugar, material e simbólico, destinado às sexualidades nômades da heteronormatividade. Nessa cosmogonia abjeta, nascem umidamente os sujeitos dissidentes da hegemonia, procurando lampejos de fruição descompromissada do sexo.

O livro publicado em seguida, *Cruising archaeology: a catalogue of pleasure* (2024), ressalta mais os instantes de *jouissance* experimentados nesses espaços. A noção moderna de catálogo, como conjunto de objetos disponíveis para a compra e venda, insere-se numa lógica capitalista de mercado, de produtos que podem ser adquiridos, agregando assim valor material simbólico ao

Fig. 7. *Found object: homemade pipe. (Metal screw, metal straw, duct tape.)* Snaresbrook/Waltham Forest, London, 2023.
Fig. 8. *Found object: hypodermic needle.* Snaresbrook/Waltham Forest, London, 2023.

Fig. 9. *Found object: plastic lid from carton of Emtricitabine/Tenofovir tablets.* Hackney Marshes, London, 2023.
Fig. 10. *Found object: Aussiebum white briefs. Size M.* Walthamstow Marshes, London, 2024.

consumidor. O *catálogo do prazer* da série, no entanto, pode ser pensado como o *anti-catálogo*, uma reunião de objetos inúteis e escatológicos, fixadamente triunfantes em sua própria lógica de descarte. Diante disso, *Cruising archaeology* questiona, de maneira contundente, os processos de cooptação das sexualidades *queer* por um mercado que as pasteuriza e as molda em experiências lineares e assimiláveis da identidade e do desejo. A deturpação da mercadoria, no altar sagrado do mercado capitalista, também é ressaltada no projeto: em algumas imagens, itens de marcas famosas, como Calvin Klein, Aussie Bum e Marc Jacobs, terminam seus dias em inexorável deterioração nesses espaços, a própria imagem desses objetos como lembrança permanente de que mesmo o desejo se insere numa lógica neoliberal do consumo.

Em 1917, Marcel Duchamp deslocou o objeto abjeto urinol de seu lugar de depósito de urina, escarro e esperma para a centralidade do projeto dadaísta e da arte de vanguarda, na composição definitiva do *ready-made*, que alteraria definitivamente a arte do século XX. O projeto *Cruising archaeology* efetua uma ressemantização semelhante, ao ressaltar o aspecto de *artefatos* desses vestígios coletados em *cruising spots* londrinos. Fazendo isso, promove a visibilização (nem sempre desejável) de uma prática milenar que faz parte da história e cultura *queer*, em seus pequenos atos de insurgência ao império normativo e tedioso da heterossexualidade.

8=D

Claudimar Pereira Silva é doutor em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação da UNESP, campus de Araraquara. Atualmente desenvolve pesquisa sobre as representações das práticas sexuais em espaços públicos, na literatura e na fotografia. *claudimarsilva84@gmail.com*.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. Jaime Guinzburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BETSKY, Aaron. *Queer space*: architecture and same-sex desire. 1st. edition. New York: Willian Morrow, 1997.

ESPINOZA, Alex. *Cruising culture*: an intimate history of a radical pastime. Los Angeles: Unnamed Press, 2019.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. Trad. Ana Cristina Arantes Nasser. *Estudos avançados*. Vol 27, n. 79, 2013. p. 113-122.

KRISTEVA, Julia. *Powers of horror*: an essay on abjection. New York: Columbia University Press, 1982.

LORDE. *Perfect places*. In: LORDE, Melodrama. Streaming. Santa Monica, CA: Universal Music, 2017.

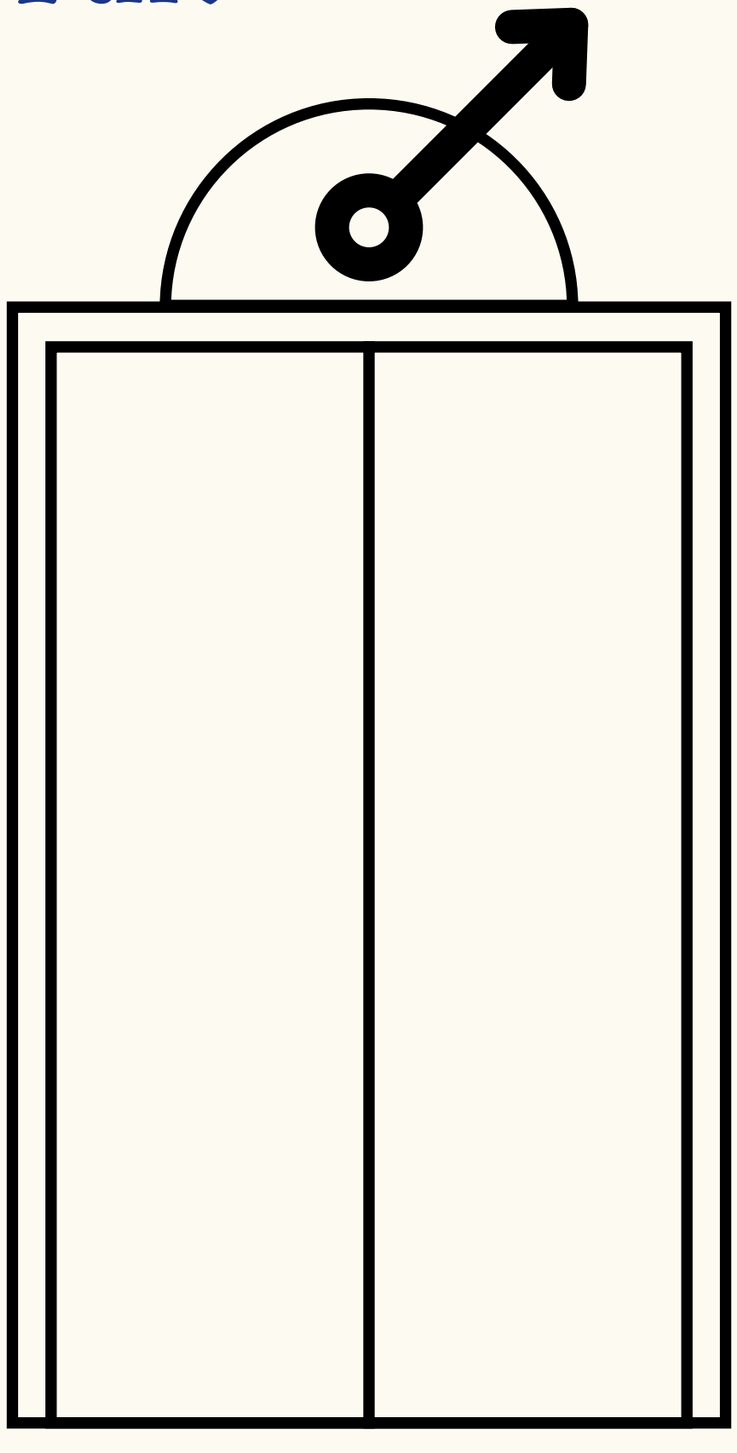
Contos do Falo

Azul

"O senhor, que andar?" Entro esbaforido no elevador, atrasado como sempre. Ofegante, respondo "décimo quarto", o ascensorista sorri para mim e aperta o botão do 14. Só aí, ao prestar atenção ao o sorriso largo dele para mim, olhos nos meus olhos, percebo que não é um ascensorista, é um passageiro igual a mim, só eu e ele neste elevador hermeticamente fechado subindo lento do térreo ao décimo quarto andar.

Agradeço e o observo melhor, enquanto o sorriso aberto dele aos poucos se desfaz. Só eu e ele no elevador. Estou atrasado para minha consulta. Ele me encara. Sempre estou atrasado. Desvio o olhar. Na camisa pólo dele, de um azul bem forte, um *botton*. Percebe meu interesse pelo *botton*, o elevador continua subindo claudicante, no *botton* está escrito "novembro azul, pergunte-me". Eu é que não sou bobo de perguntar, fecho a cara, desvio os olhos mas é tarde: percebeu meu interesse mesmo momentâneo e me responde ao que eu nem perguntei: "sim, é o novembro azul, mês de conscientização para que nós, homens, pessoas com próstata como gostam de chamar agora, estejamos sempre atentos e vigilantes". Não respondo, olho para baixo, o elevador ainda pelo quarto andar, falta o tempo enorme de uma infinidade de andares. Ele continua, insinuante: "Quando foi a última vez que o senhor, senhor... qual seu nome?, fez um exame de próstata, se é que eu posso perguntar". A uma pergunta direta assim eu tenho que responder na lata, e é apenas o quinto andar: "boa tarde, senhor, senhor com o *botton* do novembro azul, qual seu nome?, por uma incrível coincidência eu estou agora mesmo indo ao décimo quarto andar pois tenho uma consulta de rotina com meu proctologista". Dito isso, fechei mais ainda a cara, contei até dez para ficar calmo e o elevador chega, acho, ao sexto andar.

Mas ele insiste, "parabéns, vejo que o senhor é um homem, uma pessoa com próstata, muito consciente". Pausa. Não respondo. Olho firme para o piso, que precisa de uma boa limpeza. Sétimo andar. As portas se abrem. Uma mulher sorridente (deve ser uma trans, com certeza, outra pessoa com próstata) pergunta "sobe ou desce?". Não respondemos, mas nos olhamos nos olhos um do outro. As portas se fecham. Baixo de novo o rosto, fecho os olhos, respiro fundo. Sétimo andar, oitavo. Ele procura meus olhos, por que não continuei de olhos fechados? Desdobra mais um sorriso e fala, pausadamente, um texto decorado: "o senhor, posso chamar de você? Você sabe que o câncer de próstata é a segunda causa de morte por câncer de homens no Brasil?". Não respondo. Não acredito em estatísticas. Ele me entrega um folder. O elevador está pelo nono ou décimo andar, nem sei, sigo com o olhar baixo como se meus olhos fossem se colar no sujo tapete do elevador. Guardo o folder meio amassado no bolso traseiro da calça. E percebo que estou ficando de pau duro. Ele, eu acho que ele também percebe. Não digo nada, o andar ainda é o décimo, ele fala sem parar sobre a prevenção dos problemas na próstata e, como quem não quer nada com nada, segura meu pau. Suspira fundo e conta que "estudos científicos comprovam, gozar é uma forma de prevenção de problemas, pessoas que gozam 21 vezes ou mais por mês têm um risco 31% menor de ter câncer de próstata, é um estudo da Universidade de Harvard" e quando falou "Harvard" escandiu as sílabas e segurou com força meu pau já latejante dentro da calça jeans e da cueca boxer preta, nova, que estou estreando hoje, na minha consulta de rotina.



Não respondo nada, meu pau fala por mim. Nesta estatística estou bem, apesar da idade, não estou mais no vigor dos meus quinze, vinte anos, mas sou um bom punheteiro. Minha média deve ficar em cinco ou seis vezes pelo menos por semana. Quando eu era adolescente minha família viajou, fiquei sozinho em casa e tinha dias que eu batia umas sete ou oito vezes, tempo bom. Sete ou oito vezes por dia, não por semana ou por mês. Nos dias de hoje, se forem seis por semana já são 24 por mês então a chance de um problema na próstata fica dentro do estudo de Harvard, eu divagando e ele acariciando meu pau duraço.

Décimo primeiro andar e ele abre o zíper de minha calça e tira o meu pau, teso e babão, para fora da calça, se abaixa e o abocanha, no décimo segundo andar as portas se abrem e eu e ele nem reparamos se tinha alguém esperando para subir ou descer, em um movimento certeiro ele aperta o botão que trava o elevador e ficamos ali parados em um limbo entre o décimo segundo e o décimo terceiro e ele me faz gozar uma e duas vezes e engole minha porra com vontade e o dedo dele, macio e certeiro, suave como música em meu cu, vibrando exatamente nela que é o centro de todas as atenções deste novembro azul, na minha próstata agradecida, é um prazer adicional e nada como a prevenção com os voluntários, posso até desmarcar minha consulta, ligo dali mesmo, "em cima da hora assim?" pergunta a atendente do médico e respondo sobre um imprevisto, uma emergência e volto para casa sem medo e sem culpa, o trabalho de prevenção está totalmente feito, obrigado.

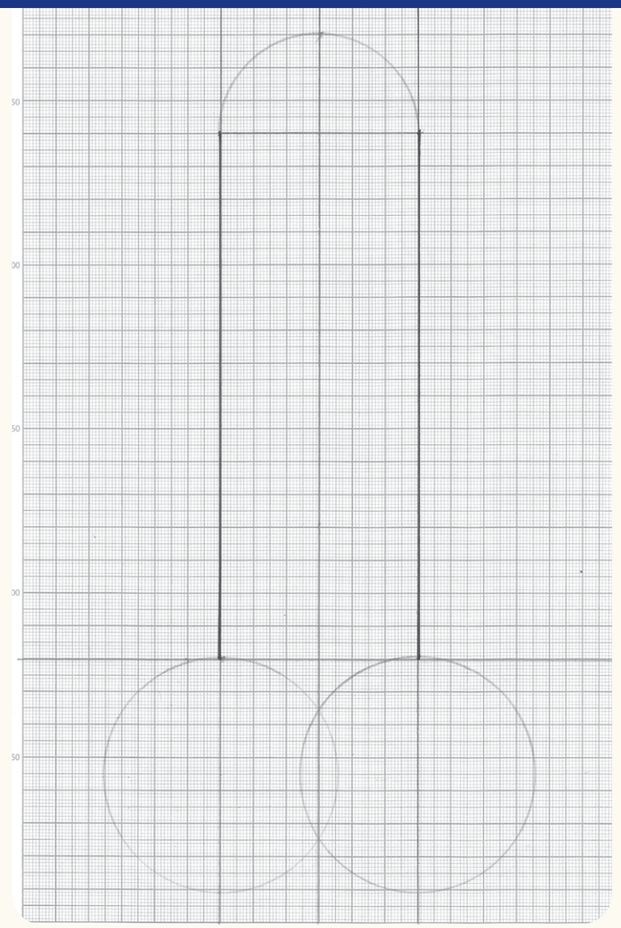
Conto inédito do escritor e artista visual Jozias Benedicto.

Do Glossário monaqueico: de A a Z

Desenvolvido e organizado pelo Prof. Omar Khouri, a partir dos registros do Dr. Ângelo Monaqueu.

Ele-deve-ter-pinto-pequeno!: é o que se diz, sob o domínio da inveja, de um homem que parece ter tudo: é belo, elegante, educado, rico e muito inteligente e culto. Frente a este mar de qualidades, fala o despeitado: – *Ele-deve-ter-pinto-pequeno, um micro-pênis!* O não-despeitado dirá: – *O cara tem tudo, só falta ter pinto grande! Será que ele tem?*

Fases-da-atividade-pintal: observa-se que, a partir da adolescência, no ser masculino ejaculante, até à idade madura e a velhice, o pinto intumescido passa por estágios que poderíamos chamar de "idades": 1ª Idade de Ouro: traçando-se uma reta respeitante ao corpo ereto, o membro viril atinge ângulo de 135° ou mais – trata-se da fase "olhando para as estrelas". 2ª Idade de Prata: o ângulo estaciona nos 90°, tendendo a baixar: "mira para ver se alcança". 3ª Idade de Bronze: ângulo de 45°, oscilando pouco acima, pouco abaixo: "olhando, receoso, para o chão". Mesmo na 3ª fase, ainda se goza, mas aparece o constrangimento com relação à parceria, dado o estado *frappé* do caralho. Por outro lado, em pleno vigor físico, a cada 10 kg de aumento de peso corporal, perde-se 1 cm de pau, pois o cacete vai-se embutindo no baixo-abdómen!



Nenê-pintudo: termo utilizado para qualificar machos, na condição de pertencentes à Teoria-dos-Mamões (elaborada por Dr. Ângelo Monaqueu), a qual afirma que os homens que mamaram em suas mães, por 1 ano e meio ou 2 ou mais anos (os galactófagos sugadores da mãe), acabam ligados a elas para todo o sempre, independentemente daquele edipianismo que conduz à bichice. O nenê-pintudo é nenê, porque continua grudado na mãe, mas é pintudo porque adulto e, hétero-, conquista bastantes mulheres, mas, por obedecer à mãe, que acha que ele ainda não cresceu e o trata como o seu menino, passará dos 40 anos solteiro e, se vier a se casar, de facto, será como que avô dos próprios filhos – e, mesmo que se livre, será sempre perseguido pela sombra da mãe. Se a relação-nora-e-sogra é, normalmente, difícil, nesse caso será, decididamente, impossível. O nenê-pintudo é bom-amante e tem o maior respeito pelas mulheres – esta, a sua principal qualidade. É o típico macho-édipo, que, confidenciando a uma ex-, é capaz de dizer: – *Depois de minha mãe, você foi a mulher que eu mais amei na vida!*

Orgasmômetro: em verdade, cada um sabe de suas medidas, pois esse aparelho não existe. Há os que medem pressão arterial, os que contam as batidas/pulsação e até a oxigenação do sangue, porém, ficar-se-ia apenas com dados quantitativos – não há o que meça o qualitativo, a não ser que, de acordo com certa teoria, o quantitativo resultaria em qualitativo. Acontece que o prazer tem limite e este limite, independentemente de classe social etc, pode ser alcançado por todos. Diferentemente, pensam certas pessoas que, em seus textos e filmes, tiram o direito do pobre de gozar gostoso. Bobagem desses artistas abonados, achando que sabem o que os despossuídos sentem e que, apresentando-os como sofredores, sem o direito ao prazer mínimo que seja, estariam defendendo-os. Todos temos momentos de prazer paroxístico. Dizem que, à medida que o grau de posicionamento do falo ereto diminui, melhora a qualidade do orgasmo e isto, nenhum aparelho, que não seja a consciência, poderá detectar ou medir. O dinheiro poderá ajudar na aquisição de aditivos e favores sexuais, que não chegam a ser milagrosos. A beleza física favorece conquistas, mas, ninguém pediria ao Alain Delon, ao Robert Redford ou ao Brad Pitt o pinto emprestado (de cujas dimensões nada sabemos), com a ilusão de que iria gozar melhor. Alguma mulher pensaria que, com a boceta da Brigitte Bardot, da Sophia Loren ou da Claudia Cardinale gozaria mais gostosamente?

Pau: o pênis. Embora seja um termo muito popular e que consta de inúmeras expressões, como "Pega no meu pau!", é apenas um entre os vários utilizados no Brasil. Alguns outros: cacete/a, vara, pomba, piroca, pinto, rôla (talvez, o mais vulgar), bimbo, bilau, fumo. A genitália masculina é por demais valorizada, e há muito tempo, pelas civilizações (vide simulacros em couro, pedra e metal, representações pictóricas, gráficas e escultóricas + obeliscos, Priapos), mormente em forma de *phallus-erectus*, com celebrações etc. Viveu-se e vive-se uma Falocracia, daí, a sociedade ser paternalista e machista. A expressão "Lavou, tá novo!" dá a medida de tal valorização pintal. O pai, cá no Brasil, quando tinha uma filha que se casava, dizia aliviado: – *Descontei uma promissória!*

Pinto-murcho: sim, a expressão significa isto mesmo: pinto-murcho, o pinto em seu estado de repouso em 100%, como em momentos em que se está apenas acompanhado pela bisavó em saleta com cadeiras de vime e a anciã recorda, e o cara ouve atento, histórias do tempo de antanho. Um pinto-murcho é um pinto inativo em momentos em que não há espaço para qualquer sensualidade e em que a libido parece não se manifestar. Mas, chamar alguém de pinto-murcho significa que tal pessoa é imprestável, não-fede-nem-cheira: – *Fulano de tal não passa de um pinto-murcho!* Sem as roupas, homem nenhum gosta de ser flagrado de pinto-murcho, bem porque, o tal órgão, assim, poderá não indiciar as dimensões de que será investido, quando intumescido, ou seja, quando estiver duro. As Civilizações sempre louvaram o órgão sexual masculino, enquanto mastro-rijo.

Eu venci o câncer! Também venci dois derrames e perdi 50kg! Mesmo depois dos 50, você ainda pode ser sexy!

—

Tim Burgins, para a *TSM Community*

All bodies are Speed-oh bodies!

JOIN THE MOVEMENT

www

KEEP BODY POSITIVE AND SPEED-OH ON!

APRESENTAMOS

GALLERIST

NOSSO PROPÓSITO É CRIAR UMA PLATAFORMA QUE AJUDE A PROMOVER ARTISTAS INDEPENDENTES, BEM COMO ORGANIZAÇÕES QUE FOMENTEM A IGUALDADE E DIGNIDADE DAS COMUNIDADES LGBTQIAPN+.

50% DOS LUCROS IRÃO PARA A CASA1

CUPOM FALO15

REDFORT

URSU BRUTO

CONFIRA A COLEÇÃO JÁ DISPONÍVEL EM WWW.BEARKIN.COM.BR

BEARKIN'

MODA
R
T
COMUNIDADE

Meu corpo, minhas pregas: um ensaio proctográfico

de Fabio Lopez (2024)

Não é à toa que escolhi criar uma revista e assinar o projeto gráfico: sou designer de formação e de mestrado. Hoje sei que minha escolha acadêmico-profissional foi apenas um caminho, uma ponte para me levar para onde eu sempre quis estar. E, nesse caminho, de idas e vindas, poucas conexões se mantiveram. Entre elas, o autor deste projeto "proctográfico", que, para mim, para o meu gosto visual, é um dos melhores designers em atividade. *Rio 2016*, Clube de Regatas do Flamengo, Puc, IPHAN, *War in Rio*... São tantos projetos espetaculares que fica fácil comprovar minha afirmação. Mas esse não é o objetivo desta coluna. Aqui é pra resenhas de livros, então, é uma resenha de livro que vou fazer.

As duas capas do livro: uma mais comercial e a outra mais "selvagem", como diz o autor. (Ed. Bebel Books)

Leia aqui a **ANuAL**.

Leia aqui a ***artesANAL***.

Fui surpreendido por imagens nas redes sociais do Fabio Lopez que versavam sobre o cu. Isso mesmo, o ânus, furico, rosca, anel, olho cego e por aí vai. Primeiro, entendi como brincadeira. Só que a constante produção de imagens sobre o tema me deram a entender que era mais do que uma brincadeira e sim um projeto. De repente, um livro! Como assim, o mega designer de grandes marcas fazendo um livro sobre o cu? Juro que a primeira coisa que passou pela minha cabeça foi "finalmente, um aliado de peso".

Trabalhar – seja em texto ou imagens – com tabu é muitas vezes uma sentença de morte ou de chacota profissional. Veja o caso dos urologistas: quando falam que são médicos, todos aplaudem, mas quando revelam a especialidade, a profissão e a sexualidade são imediatamente colocadas em dúvida. Porém, em conversa com o autor, percebi que Fabio – que sempre foi de fazer o que tinha vontade, especialmente quando era pra ser subversivo – chegou em um momento que precisava ressignificar inúmeros pontos pessoais e profissionais na sua vida. Nesse processo de "colocar pra fora", o cu virou um símbolo. E para designers, símbolos são inspiração.

O pequeno livro "Meu corpo, minhas pregas" é exatamente o que ele diz ser, ou seja, um ensaio pictográfico... Quer dizer... Proctográfico sobre o cu. Cada página possui uma imagem minimalista no traço e carregada de significados para um "sinônimo anal". Para além das risadas e das sacadas geniais, esse projeto leva o cu para a conversa, tirando-o do seu lugar proibido / prazeroso.

Eu costumo dizer que o cu é um tabu maior do que o falo nas Artes. Afinal, a gente vê pinto até na arte rupestre, mas cu? Essa é a razão de eu ter lançado a edição ***ANuAL*** (2020) e a ***artesANAL*** (2023) com bastante cu nas artes e nos textos acadêmicos. Agora temos essa pequenina jóia gráfica sendo lançado às vésperas do **Novembro Azul**, lembrando que, sim, todos temos cu* independente de gênero ou orientação sexual, e devemos cuidar dele, mas cada um cuida do seu.

*Vale dizer que nem todos tem cu. Existe uma doença congênita chamada "ânus imperfurado" no qual a pessoa nasce sem o orifício. Isso é até citado no destemido posfácio do livro.

NOS FODEMOS!
ADÃO

PUTO
Marlon THOR

Por Rigle Guimarães

Psicólogo (CRP 122809/6) e Sexólogo

Humanize o seu prazer

Sexualidade não se resume a fetiches, gozadas, pau duro/mole/pequeno/XXL, sarrada, ativo, versátil, passivo, penetração, gouinage ou toda a infinidade de outras coisas maravilhosas que o universo do prazer proporciona. Numa conexão com o outro, estamos nus em uma atmosfera de intimidade inigualável. Não é sobre performar, fazer acrobacias ou demonstrar quem pode mais. É sobre ser incrivelmente vulnerável, afetuoso, safado, carinhoso, autêntico e até inseguro considerando aprender a não ter vergonha de absolutamente nada disso.

Indo mais além: sexo também é sobre não ter vontade de fazer, não sentir necessidade de estímulo sexual e entender que tudo bem. Não faz sentido algum se cobrar por sexo se você não está a fim disso. É como se cobrar ir a uma viagem que você não está com vontade alguma de ir.

Precisamos aprender que liberdade sexual não diz respeito apenas a ter prazer da forma que desejar, mas é sobre nos comprometermos com a melhora das condições sexuais para todos, derrubando estigmas inadequados, fobias limitantes e opiniões baseadas na história de vida de cada um. O outro é diferente. Ele pode se satisfazer em condições sexuais monogâmicas, abertas ou apenas afetivamente.

A relação com o outro é como uma construção que segue etapas para se consolidar. Não existe relação feita só de desejo sexual. É preciso comunicação, vontade de comprometimento entre os envolvidos, flexibilidade, respeito, autenticidade... Precisamos aprender a passar da fase só de sexo e entender o outro na complexidade dele.

Passar a juventude em conflito, negando a si mesmo, cria bloqueios diversos, dentre eles a enorme dificuldade de se relacionar profundamente. Às vezes tudo é tão focado somente em ser assertivo no sexo que não se tem a oportunidade de aprender sobre a vulnerabilidade de amar ou ser amado.

Daí a necessidade de humanizar a forma como sentimos prazer, entendendo-a como algo que evolui com o tempo e ganha novos contornos, mais próprios e satisfatórios se você considerar respeitar primeiro seu próprio desejo.

Imagem de internet editada para a revista.

moNUmento

Modelo: *Dinho Martins* (autorretrato).

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com